



VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Orgão da Pia União e do Pão de S. Antonio,
e Boletim da Ordem Terceira de S. Francisco

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII,
por S. Em.^a o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Cardeal Jacobini,
Rev.^{mo} Arcebispo Primaz,
Arcebispo d'Evora, Patriarcha das Índias, Arcebispo do Algarve,
Rev.^{mo} Padre Geral dos Franciscanos, etc.



BRAGA

Typ. de J. M. de Sousa Cruz

102, R. Nova de Sousa, 106

1897

CARTA A UM PORTUGUEZ NA ITALIA

SUMMARY: — *Uma noticia de espanto. — A religiosidade dos maçons provada com argumentos de sua casa. — A «Luz» muito escandalizada. — Os irmãos... de canoas ás avessas. — A maçonaria e Lourdes. — Conselhos de mestre aos escriptores anticlericaes. — Sustos da maçonaria franceza. — A judiaria portugueza muito azedada contra um illustre deputado.*

Meu caro amigo:

Então está muito zangado commigo por causa do meu silencio? Pois olhe que ambos lucramos com elle: eu porque tive occasião de praticar uma boa acção, dando o meu logar a um inflamado tribuno que quiz botar fala ás turbas, e o meu amigo porque terá agora o prazer de saber noticias muito importantes e escolhidas. Olhe que as tenho aqui fresquinhas, fresquinhas...

Ora revista-se de paciencia e leia.

Em primeiro logar vou dar-lhe uma noticia de espanto, uma novidade de truz com que o meu amigo nem sequer sonhou.

Saiba pois que para eterno abrimiento de nossas boccas, e para salvação da patria e mais das batatas, se operou em Portugal uma estreita e muita intima união entre os radicaes, os franciscanos e os anarchistas.

Olhe que é verdade, falo sério. E senão ouça lá: é o illustre sr. de *Judicibus* que, lamentando a decadencia a que chegou o partido republicano, escreve no *Seculo*:

«... O snr. Alves Correia e os seus amigos teem preponderado na direcção do partido republicano, mas a decadencia tem-se accentuado dia a dia, até vêrmos de perfeita camaradagem os radicaes, os franciscanos e os anarchistas».

Ora faça ideia o meu amigo, que espectáculo tão pittoresco não será este que offerecerão os bons dos frades, de barrete phrygio e gravata vermelha, e de braço dado com os vermelhinhos anarchistas!

O que não diria, se vivesse hoje, aquelle grande raão do nosso Garrett, elle que tanto se regosijava quando os frades, «aquellas figuras graves e sérias com os seus habitos talaes, quasi todos pittorescos e alguns elegantes, atravessando as multidões de macacos e bonecos de casaquinha esguia e chapelinho de alcastruz que distinguem a peralvilha raça europea cortavam a monotonia do ridiculo e davam physionomia á população!»

Esqueceu dizer ao tal *Judicibus* se tambem o Alves Correia & C.^a envergarão agora o habito austero de devotos monges, e se irão em edificante romagem, por esse Portugal acima, evangelizando as ideias de *liberdade... egualdade... e fraternidade... republicanas*.

Procurarei averiguar

— Quem tem vagar faz colhéres, penteia kágados e macacos, ou então... faz versos. Foi n'uma d'estas occasiões, em verdadeira maré cheia de inspirações poeticas, e sem duvida em convivio muito amavel e intimo com alguma das musas ali do bairro de Alfama ou das visinhanças, que um poetaastro qualquer se lembrou de mimosear os leitores da *Luz*... com uns apimentadinhos versinhos, illustrados de mais a mais com deliciosos commentarios.

Ora ahí vae um d'esses commentarios:

«Não pôde ser iniciado quem declarar não ter religião. A maçonaria nada tem de incompativel com a religião christã, só é incompativel com falsos ministros de Christo, que querem honras, riquezas e poder temporal, quando Christo prégou a pobreza e a humildade, e declarou que o seu reino não era d'este mundo: *Regnum meum non est hoc mundo...* (sic.)»

Que lhe parece ao amigo?

A meu vêr, isto diz de mais e diz de menos: diz de mais, porque todos estamos fartos de saber como os irmãos do avental são crentes fervorosos e pios...; e diz de menos, porque nem sequer chega a dizer qual é a religião dos maçons, ou qual o deus que adoram.

Fica a gente a duvidar se será o boi apis, ou os alhos e cebolas dos quintaes egypcios, ou algum osso de camello, ou coisa que o valha.

Eu, que sou um pobre leigo e profano na materia, tenho para mim que tudo isso lá é tolerado; mas que o culto encendrado e fervoroso é reservado a certos nunes privilegiados, desde o supremo architecto do universo até Venus, a deusa-razão e outras divindadesinhas creadas de fresca data. O que todos sabemos é que a matilha do olympo maconico é bastante numerosa. Até não duvido nada de que por lá abundem adoradores fervorosos e fanaticos d'esses deus, como notou S. Paulo, prestam culto ao *deus ventre...*

Deve de ser alguma d'estas a religião exigida para ser iniciado, porque Deus, com *D grande*, é coisa desconhecida dos maçons, como adverte o ritual recentemente publicado pela loja *Clemente Amitie* (do Gr. Or. de França) para uso dos II. Aprendizés.

Eis o que elle diz:

«Não nos preocupamos com a crença em um Deus; é inutil occupar-se de tal; e desde logo todas as religiões que ahí derivam cáem de per si no eterno nada».

Como vê o meu amigo, este texto é mais clarinho que o da *Luz*...

E, quanto ás sympathias da maçonaria pelo christianismo... de tempos conversado. A *Luz*, se soubesse tanto de sua casa como pretende saber da alheia, teria lido uma conferencia do Ir. G. F. 18. da R. L. «Alcinoe-Roma», que foi publicada na *Revista della Massonerie Italiana*, no numero correspondente a janeiro e fevereiro de 1896. E mais saberia a *Luz* que alli se affirmou e provou, com mais de 20 citações do Evangelho em que se referem palavras de Jesus Christo, que maçonaria e christianismo são duas potencias essencialmente contrarias uma á outra; uma, negação absoluta da outra, e ambas egualmente universaes; que trazem entre si lucha de morte: uma (a maçonaria) para elevar, tornar livre e feliz o homem, e a outra (o christianismo) para avital-o, fazel-o escravo e infeliz.

Mas isto diz-se e escreve-se nas edições especiaes *ad usum delphini*. Quando se escreve para correr mundo, occulta-se a verdade e, assim á boquinha pequena como faz a *Luz*, vae-se cumprindo o preceito do mestre *Voltaire*...

E a grande affeição dos maçons á pobreza e humildade prégadas por Christo? Toda a gente sabe que estes pedreiros são, por natureza, muito modestos, pobres e humildes; e é por isso

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

O Patriarcha S. Francisco d'Assis — S. Luiz de Toloza.

I Parte — SECÇÃO DOCTRINAL: A V. Ordem Terceira da Penitencia — Santo Protector para o mez de outubro — Indulgencias.

II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Vida de Santa Rosa de Viterbo — Pensamentos — Anecdotas.

III Parte — LEITURAS AMENAS: O vestido branco.

IV Parte — CULTO DE SANTO ANTONIO: Advertencia — Membros da Pia União — Braga — Petições — Acções de graças — Brazil — Lisboa — Porto — Porto d'Ave, etc., etc. — Os nossos defuntos.

V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O homem (*continuação*) — Via celeste (*poesia*) — Bibliographia — As nossas illustrações.

VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL.

Gravuras: O angelico S. Luiz de Toloza, protector da juventude — A Piscina de Siloé em Jerusalem (Palestina) — Collegio de Nossa Senhora da Piedade — O Patriarcha S. Francisco d'Assis.

O Patriarcha S. Francisco d'Assis



ENTRE o homem e o espirito, entre o mundo e Deus, ha o antagonismo de dois rivaes implacaveis dos quaes o mais fraco procura incessantemente supplantar o mais forte. E todavia entre elles era mister existir a mais perfeita harmonia. E' para isso que o espirito está preso á materia e Deus encarnou nos seres da creação a sua imagem, reflectindo-a d'um modo singular na alma do homem. Bem depressa a materia quiz tomar o logar do espirito e arrogar-se os dotes que só áquelle foram dispensados; ao mesmo tempo que os traços luminosos da similhaça divina se foram apagando. Mas quando já quasi de todo extinctos, eis que de novo surgem com maior esplendor

que o primitivo, na união hypostatica do prototypo á sua imagem, do auctor á sua obra.

Parece que desde esta hora não mais se deveriam inimisar aquelles que fôram feitos para viver em harmoniosa concordia, nem romper-se mais os laços de amor que haviam sido apertados entre Deus e o homem, na união ineffavel da Encarnação.

Mas não foi assim. O antigo antagonismo resurgiu e a lucha renovase, talvez mais encarniçada ainda, que d'antes fôra.

Foi então que na terra appareceu um homem; menos que Christo, porque não éra Deus, mas mais do que homem; porque foi um Seraphim.

A sua missão éra dupla: restabelecer a ordem entre a materia e o espirito d'um modo permanente e duradouro quanto á união d'estes dois seres, e ao mesmo tempo reavivar

aquella imagem que fôra obliterada pelas gerações, a ponto de quasi se haverem apagado de todo os traços luminosos que ella projectou sobre o mundo, quando no Presepio e no Calvario dictou as lições de paz e de felicidade que haviam de ser a norma da vida humana.

Esse homem tem na historia o nome de Francisco de Assis.

Preencheu elle a sua missão? atesta-o a sua vida inteira, e confirma-o ainda hoje a obra indestructivel que elle fundou sobre as bases graniticas do Evangelho.

A primeira parte d'essa missão era sujeitar a carne ao dominio do espirito. Quem melhor do que elle triumphou n'esta campanha? Só elle mereceu até hoje o titulo de Seraphim humano. De tal sorte espiritalisou a materia que, qual outro S. Paulo, não era elle, o homem, quem vivia, mas Christo que vivia n'elle. Não é esta affirmacão gratuita. Signal evidente do dominio sobre a materia é o imperio que absolutamente se exerce sobre a natureza irracional.

A' voz de S. Francisco de Assis, esta dobrava-se como se o reconhecera por seu rei e senhor. As rãs da lagôa perturbam-no na sua oraçãõ? Manda-lhes que se calem, que louvem ao Senhor n'outra hora. E as timidias aquaticas ficam mudas até que o Santo termine a oraçãõ, para de novo recommencarem o seu coaxar atroador. Era o féro lobo de Gubio o terror d'aquella povoaçãõ e dos habitantes dos contornos? Francisco sae-lhê ao encontro, chama-o, reprehende-o, e o animal escuta-o de cabeça baixa, confuso, como se comprehendera toda a gravidade dos seus delictos. O Santo impõe-lhe um preceito que é fielmente

cumprido até á morte pelo terrivel quadrupede, d'ora em deante convertido em manso cordeiro.

São as avesinhas os seus encantos. Ouve-as na ramagem do bosque, mas deseja-as mais junto de si. Convida-as a virem unir os seus gorgeios aos louvores que elle dia e noite entôa ao Deus da creacão. E ellas vêem, pousam-se-lhe sobre a cabeça, nos hombros, no regaço, sobre as mãos, e, todos juntos, formam o coro mais arrebatador que jamais houve sobre a terra! Era o coro da innocencia, tal qual Deus a tinha um dia doado á terra. Era o resurgimento d'aquelles tempos paradisiacos que viveram nossos primeiros paes no Eden, quando o espirito dominava e a materia obedecia, e com ella a natureza inferior, animada e inanimada. Francisco de Assis era o novo Adão; e aquella, que elle chamaria a sua esposa, a nova Eva, que lhe servia de companheira inseparavel e que até fôra quem o introduzira no nosso paraíso de que elle era senhor.

Feliz tempo de Francisco de Assis! Não mais te veremos voltar á terra?! Oh! Praza aos céos nós fosse enviado um novo Adão como este que se extinguiu ha sete seculos!

Mas, não. Para que? A sua obra floresce ainda. Não é cada mosteiro da sua Ordem um outro Paraíso terreal! Cada professo da sua Regra não é um novo Adão, como Francisco de Assis, que renova a encarnacão do Filho de Deus no seio da humanidade? Sim; e esta Ordem, e esta Regra téem a palavra infallivel de Jesus Christo a garantir-lhes a duracão até ao fim dos seculos. E portanto o novo Adão renoverá em seus filhos a face da terra, emquanto no mundo houver homens para receber a im-

pressão da imagem viva do Redemptor!

Como, Elle Francisco repetiu deante do Bispo de Assis: *Pae meu que estaes no Céu!* Sobre a terra já não tinha Pae! Como Elle nasceu n'um estabulo, e como Elle teve o seu Calvario.

Entre os seus discipulos teve um Judas. Como o Salvador jejuou a quaresma dos quarenta dias sem provar alimento; nem lhe faltou o tentador para lhe offerecer os reinos de todo o mundo.

As Cinco Chagas foram o braço do Salvador e essas mesmas imprimiu Elle, sobre o Calvario de Monte Alverne, no corpo estigmatizado do Saphim Humano. Sobre o Sepulchro do Filho de Deus foi levantada uma basilica. Sobre o sepulchro de Francisco de Assis, cavado em rocha viva, como aquelle, ergueram-se tres: tres basilicas que são tres templos, figura symbolica das suas tres Ordens, que elles parecem destinados a receber.

Foi, pois, com todo o rigor da verdade que um orador italiano deixou escripto: no *Mendigo de Assis, Jesus Christo, com a sua verdadeira physionomia, voltou á terra.*

Voltou e ficou entre nós com o seu espirito insufflado em milhões de corações que inflammam milhões de vontades a proseguir na sua nobre e ardua missão de reconduzir o mundo aos tempos do paraiso terreal, restabelecendo a ordem entre o espirito e a materia, pela pratica de humildade e da pobreza, e renovando de continuo a imagem do Redemptor pelo ardor do fogo apostolico que os devora.

Possam elles proseguir livremente a sua missão e remediar radicalmente

os males que, dia a dia, sobrecarregam a pobre humanidade, quasi desfallecida.



S. LUIZ DE TOLOZA



ESTE mez o destinado á celebração das festas centenares de S. Luiz d'Anjou. Este centenario está vinculado, como se sabe, ao facto da existencia de Leão XIII.

Um dos fins que se tinha em vista, celebrando este centenario, era fazer conhecida de todos o vida de S. Luiz, tão exuberante de heroicas virtudes no curto espaço de 23 annos.

Não nos sendo possivel por agora concorrer d'outro modo para a vulgarisação de sua vida, astringimo-nos a destacar d'um trabalho que traziamos entre mãos, o seguinte trecho como mostra de boa vontade e gratidão:

«Em julho de 1274 a Egreja, no concilio de Lyão, debruça-se lacrimosa sobre o cadaver da christandade que a posteridade



S. LUIZ DE TOLOZA

ha de invocar sob o nome de S. Boaventura de Bagnoréa. Sentindo arrebatarse-lhe do seio maternal aquellé filho que lhe era uma gloria e fulcro inconcusso, verte inconsolavel pranto e exclama pela boçca do cardeal Pedro Tarantasia: *Doleo super te*...

Os templos de luto traduzem a dôr geral que vae na catholicidade, os sacerdotes do mundo inteiro acompanham com suas preces a alma limpidissima que se evolou para os céos.

E' universal a dôr, porque um grande vacuo se abriu entre os lidimos e heroicos defensores da verdade. Quem o preencherá?...

A esse tempo já sorria á luz e aos carinhos maternos, no castello de Brignoles, uma creança em cujas veias girava o sangue dos reis de França, e que contava na sua linhagem, verdadeiramente nobre pelo sangue, uma legião grande de vultos proeminentes pela sanctidade.

Cerca-o o fausto e a opulencia. Seu pae é Carlos II conde d'Anjou e de Provença, rei de Napoles e de Jerusalem.

Por esse tempo tambem alvorecia á existencia, na Inglaterra, um menino cujo nascimento nada offerece notavel. Envolvem-n'os os farrapos da pobreza. Em seu lar, debalde pretendemos descobrir algumas d'aquellas coisas que usam fazer o cortejo da caprichosa dama a que chamamos *Fortuna*.

A miseria é que o rodeia e parece que lhe ha de acompanhar a existencia.

Que tem que vêr uma com a outra estas duas existencias?

A opulencia é altiva de mais para descer ao raso onde vejeta e se estorce a pobreza. Comtudo estes dois meninos hão de ser mais tarde irmãos, filhos ambos da mãe fecunda que se chamá — Ordem Francisca. A posteridade chamará ao primeiro S. Luiz de Tolosa, e ao segundo o Veneravel, o subtil Doutor João Duns Scoto.

São estas duas creanças que estão destinadas pela Providencia para encher o enorme vacuo que S. Boaventura deixou na Ordem Seraphica e na Igreja.

Se elle foi grande pela virtude e titan pela sciencia, teve n'estes dois meninos, que bracejavam nas faixas infantis quando se immobilisava, no атаúde, quem o substituisse gloriosamente. Um, lustre do episodio como elle, o outro como elle gloria da sciencia; e ambos filhos do *Poverello*.

.....
.....
Ha nascimentos privilegiados do céo. Parece que mil bençãos divinas chovem sobre o recém-nado com quem nada tem que vêr o mundo, e que uma aureola de sanctidade, cercandolhe a fronte angelical deixa ahi entrever, escripta em lettras d'ouro, a palavra d'um sentido immenso — *predestinação*.

A planta delicada e mimosa absorve todos os cuidados do agricultor: cava, aduba, rega, monda; parece sacrificar-lhe todas as outras. Semelhantemente Deus, sem lesar a liberdade do individuo, parece subordinar todos os factos e existencias á preparação e existencia de certas individualidades excepcionaes. Se em todas as coisas e em todos os factos se nos revela a acção da Providencia, é na vida dos sanctos que ella rebrilha em todo seu esplendor. Desconhecel-a ahi é não comprehender essa vida e guindar demasiado a sublimidade da natureza humana.

Não é verdade que um sancto e profundo respeito nos invade a alma á vista d'um berço onde, por assim dizer, se embala e dormita o futuro? Com esse mesmo ou mais apurado respeito ainda transportemo-nos ao seculo XIII, e ao castello de Brignoles, na risonha Provença, onde um extraordinario menino, a quem a Igreja mais tarde chamará

Rosa primavera de caridade,

Lyrio de virgindade,

Estrella brilhante,

Vaso de sanctidade,

nos espera para o acompanharmos na sequencia breve de sua vida opulentada de lição para nós que vivemos em tempo que a juventude anemica e pallida, parece só ter por ideal o orgulho e o prazer.

30 — 8 — 97.

PONTES.





Ordem Terceira

O Congresso da Terceira Ordem Francis-
cana em Nimes

(23 A 27 D'AGOSTO)

Carta do Rev.^{mo} P. Ministro Geral
dos Franciscanos

Roma, 26 de Julho, festa de Sant'Anna

Meu Rev.^o Padre. (O
Revd.^o P. Julio do S. Cora-
ção, Commissario da Ordem
Terceira na França.)



Os ultimos dias do proximo mez
d'Agosto será celebrado na boa ci-
dade de Nimes, o *quarto* Congres-
so da Terceira Ordem Francisca-
na na França.

Desde o anno passado, nós damos de
todo o coração pleno assentimento á esco-
lha d'esta cidade para séde d'uma reunião
que, como se deprehe de seu programa,
nos leva á convicção de que continua-
rá com fructo a obra dos precedentes Con-
gressos.

Sendo-nos impossivel, pelos motivos que
muito bem conhecéis, assistir ahi pessoal-
mente, delegamos pela presente carta, em
qualidade de Presidente effectivo, o R. P.
David Flemming, Ex-Provincial d'Inglaterra,
e actualmente Consultor na Congrega-
ção do Santo Officio.

A sua competencia para as questões que
actualmente preoccupam a sociedade vos
será d'um grande alcance para as decisões
importantes e praticas que houverdes por
bem formular n'essas assembleias franciscanas.

Abençoamos de todo nosso coração Vos-
sa Reverenda Paternidade, os vossos dignos
collaboradores e todos que, por qual-
quer fórma, contribuirem para bom succes-
so do Congresso de Nimes.

Vosso muito dedicado em Nosso Senhor,

Fr. Luiz de Parma.

*
*
*

PROGRAMMA

*Veritatem facientes in Chari-
tate crescamos in Illo per omnia
qui est caput Christus.*

(EPH., IV, 15.)

A' Ordem Terceira, foco e agente da
restauração da vida christã, incumbe o de-
ver de trabalhar pelo reino integral das leis
sobre que assenta esta vida, quer dizer pela
realização simultânea da *Verdade*, da *Cari-
dade* e da *Liberdade*.

O Congresso de Nimes mira particu-
larmente á pratica dos votos emittidos pelos
Congressos precedentes para bem da refor-
ma da familia segundo as leis fundamen-
taes da vida christã.

PRIMEIRO DIA

Verdade (Veritatem facientes)

1.^a SESSÃO.—*Noção geral.* Verdade reli-
giosa, social e economica.

Verdade religiosa. — Sciencia da vida
christã.

1.^o *Erros a combater:* Racionalismo, li-
beralismo, materialismo e laicismo; sua in-
fluencia sobre a vida christã.

2.^o *Verdade a restabelecer:* Votos emit-
tidos pelos Congressos anteriores. — Carac-
ter da fé; regras d'obediencia á Igreja;
verdadeira concepção da vida christã; fim,
principios fundamentaes, leis e pratica.

3.^o *Meios praticos:* Votos anteriores.

Na *Ordem Terceira:* Visitas, retiros,
reuniões, peregrinações, congressos, revistas.

Pela *Ordem Terceira:* Fundações de Fra-
ternidades d'homens do mundo; catecismos,
conferencias populares, imprensa, etc.,
etc.

2.^a SESSÃO. — *Verdade social.* Noção ge-
ral.

1.^o *Falsa concepção da familia:* Matri-
monio civil; escola neutra; irresponsabili-
dade dos paes na educação, pelo abandono
das creanças á Igreja ou ao estado na es-
cola.

2.^o *Doutrina catholica:* Votos anterio-
res. — Deveres e direitos dos paes na edu-
cação; missão da Igreja no lar; lista da
escola.

3.^o *Voltar para a verdade,* pela reforma
das instituições christãs d'educação; pela
imprensa doutrinal, revistas e jornaes, pelo

ensino sob todas as fórmãs, em todos os lugares, em todas as profissões.

3.^a SESSÃO. — *Verdade economica.* Noção geral.

1.^o *Erros a combater:*

a) Em geral, falsa concepção da propriedade: individualista, socialista.

b) Em relação á familia; governo economico anti-familiar, leis testamentarias, salarios, etc.

2.^o *Princípios christãos.* — Votos anteriores. — Concepção christã da propriedade.

a) Em relação á familia.

3.^o *Meios praticos.* — Estudo e ensino das regras da justiça e da equidade na Ordem Terceira, corporações, syndicatos e instituições economicas pela Ordem Terceira.

SEGUNDO DIA

Caridade (In charitate)

1.^a SESSÃO — *Noção geral.* Deus, os homens, o uso dos bens creados. — Deus. Piedade.

1.^o *Piedade mal entendida.* — Êgoismo religioso da salvação pessoal, praticas pharisaicas; vontade propria e capricho, espirito de pandilha e moda; investigação do amor proprio; falta d'abnegação, sacrificio e devoção; dois senhores a um tempo, Deus e o mundo.

2.^o *Verdadeira piedade.* — Votos anteriores. — A verdadeira piedade tem seu fundamento na fé: sustenta-se pelas praticas da Regra da Ordem Terceira. Confissão, Comunhão, officio, mortificação; manifesta-se em obras pela renuncia, espirito de disciplina, pelo sentimento do dever, pela fuga do mundo e cuidado porfiado de glorificar a Deus.

3.^o *Meios praticos.*

Na *Ordem Terceira:* Votos anteriores. — A diffusão da Ordem Terceira, o apostolado dos Terceiros, o exemplo.

2.^a SESSÃO. — *Caridade em relação com a familia.*

1.^o *Mal a combater.* — Instituições individualistas de soccorros sociaes que destroem ou enervam os laços da familia em vez de os fortificar: domicilios, asylos, orphanatos, hospicios etc.

2.^o *Bem a realisar.* — Instituições e obras christãs de caridade domesticas, com o fim de restabelecer e fortificar o laço da familia

e o exercicio da responsabilidade familiar: habitações, asylos, etc.

3.^o *Meios praticos.*

a) Na *Ordem Terceira:* Votos anteriores. — Os Terceiros na sua vida de familia; acção da fraternidade sobre as familias de seus membros.

Relações a estabelecer entre os Terceiros; auxilio mutuo nos negocios; consolações e soccorros nas provas; assistencia social e economica; unir á Ordem os Terceiros disseminados, sobre tudo os padres e os homens, reunil-os a um convento ou Fraternidade.

b) Pela *Ordem Terceira:* Votos anteriores. — Cooperação dos Terceiros nas obras de caridade familiar em particular.

Casa da *Ordem Terceira:* conferencias e disputas fóra da capella; carta de recommendação; hospitalidade; *Discreto* incumbido de receber e encaminhar os Irmãos estrangeiros; correspondencia entre os Discretorios; estudo para se contar melhor com o que existe, etc.

3.^a SESSÃO. *Caridade material para bem da familia dentro, e por vias d'obras.*

1.^o *Mal a combater.* Regimen d'assistencia material, publica ou livre, falsamente substituida ao governo normal e christão; indevida generalisação do dom gratuito.

2.^o *Bem a realisar.* Obras christãs d'assistencia material organisadas para bem do restabelecimento, da conservação da extensão dos laços de familia, assistencia pelo trabalho.

3.^o *Meios praticos.*

a) *Ordem Terceira:* Votos anteriores. — Liga contra o luxo; regulamento d'uma officina para os pobres e pelos pobres; obra de tabernaculo parochial, etc.

b) Pela *Ordem Terceira:* Acção dos Terceiros nas obras.

Devem proceder com espirito e disciplina da Reza, e imprimir-lhe um caracter verdadeiramente familiar.

TERCEIRO DIA

Liberdade (Crescamus in illo per omnia)

1.^a SESSÃO. — *Noção geral.* Liberdade religiosa, social, e economica.

Liberdade religiosa:

1.^o *Mal a combater:* Obstaculos á liberdade religiosa.

a) Na sociedade: atheismo legal; ensi-

no sem Deus; trabalho, profanação do domingo.

b) Na familia: divorcio; irrelição; escola neutra.

2.^o Bem a realizar. Nas instituições, costumes favoráveis á liberdade religiosa.

a) Na sociedade: santificação do domingo.

b) Na familia: presença da mãe no lar; escola christã.

3.^o Meios praticos. Reivindicações legais; exercicio dos direitos civicos.

2.^a SESSÃO. — *Liberdade social.*

1.^o Mal a combater: Tyrannia revolucionaria.

a) Em geral: restricção do direito d'associação e dos direitos das associações; negação de todos os direitos privados e profissionaes.

b) Em particular: Restricção dos direitos dos paes, dos direitos da familia.

2.^o Bem a realizar. Votos obtidos.

a) Em geral; direitos d'associação; direitos das associações; direitos privados e profissionaes.

b) Em particular: a inviolabilidade paterna.

3.^o Meios praticos. Votos anteriores. — Exercicio consciencioso dos direitos civicos; methodo d'organisação eleitoral pela Ordem Terceira, em harmonia com o systema belga e o systema suisso.

3.^a SESSÃO. — *Liberdade economica.*

1.^o Mal a combater. Escravidão economica actual.

O governo economico, estabelecido sobre a productividade do dinheiro em quanto dinheiro, escravisa e destroe a agricultura, o commercio e a industria e por conseguinte o trabalho. O governo e legislação socialistas que se contrapõem agravam a ferida em vez de a sarar.

Situação da familia: As leis testamentarias esgotam as fontes da familia na abastança; e a lei dos salarios as da familia do operario. O governo individualista da propriedade e dos salarios destroe a familia arrastando-a á irrelição e ao des-governo.

2.^o Bem a realizar. Suppressão da usura debaixo de todas as suas fórmãs, pelos ensinamentos da verdãde economica, pela legislação e pelas instituições apropriadas; liberdade testamentaria; propriedade familiar; restauração dos salarios.

3.^o Meios praticos. Votos anteriores. — Acção sobre a opinião publica pelo ensino, conferencias, imprensa contra a especulação, monopolios, agiotagem, jogos de bolsa; acção politica eleitoral para obter a represão legal; acção parlamentar, para a reforma das leis testamentarias e constituição da propriedade familiar; a reintegração dos salarios pela organisação do trabalho, do credito operario, as caixas ruraes, as caixas de familia, retiros, os syndicatos, etc.

*
**

Reuniões sacerdotaes

PRIMEIRO DIA

Verdade (Veritatem facientes)

Necessidade das sciencias theologicas, sociaes e economicas. A Ordem Terceira anda muito longe do individualismo e do socialismo. A constituição da Fraternidade permite distribuir os trabalhos segundo as aptidões, possuir livros e revistas. A Fraternidade sacerdotal é um foco d'estudos. Por sua composição, pôde-se tambem dizer um foco de ensino. Vistas e meios para realisar este dobre objecto.

SEGUNDO DIA

Caridade (In charitate)

1.^o Por si mesmo. O padre encontra na Ordem Terceira uma regra de piedade, e uma familia com as vantagens da communitade contra as agruras e perigos da miseria.

Como se hão de unir entre si membros de Fraternidade sacerdotal? Como estabelecer e organizar tal sorte de Fraternidades? Como dirigi-las e solicitar-lhes o favor da visita?

2.^o Em seu ministerio. O padre carece d'auxiliares. A Fraternidade parochial é o noviciado onde pôde formar cãtechistas, presidentes e conselheiros de suas congregações, directores d'obras sociaes e economicas.

TERCEIRO DIA

Liberdade (Crescamos in illo per omnia)

A Fraternidade sacerdotal, agente de defeza e liberdade para o padre e para o povo chritão. Verdadeira liga sacerdotal.

Centro das reivindicações dos direitos economicos, sociaes e religiosos.

*
**

Reuniões dos Delegados das Fraternidades d'Homens

PRIMEIRO DIA

Verdade

Organisação em cada Fraternidade d'homens d'um circulo d'estudos religiosos, sociaes e economicos. Plano de estudos. Regulamento do circulo, segundo a importancia das Fraternidades e segundo o numero dos Irmãos adherentes.

SEGUNDO DIA

Caridade

Regulamento de vida segundo a Regra, para governo dos Terceiros no mundo.

TERCEIRO DIA

Liberdade

1.º *Religiosa.* Liga pelos Terceiros: 0,05 fr. por mez.

2.º *Social.* Applicaçào do 7.º voto de Paray, dos 25.º, 26.º, 27.º e 28.º votos de Limoges.

3.º *Economica.* Procedimento pessoal dos Terceiros em face dos excessos actuaes do dinheiro; usura, especulaçào, agiotagem, monopolios, jogo de bolsa. Rol das Fraternidades nas obras economicas.

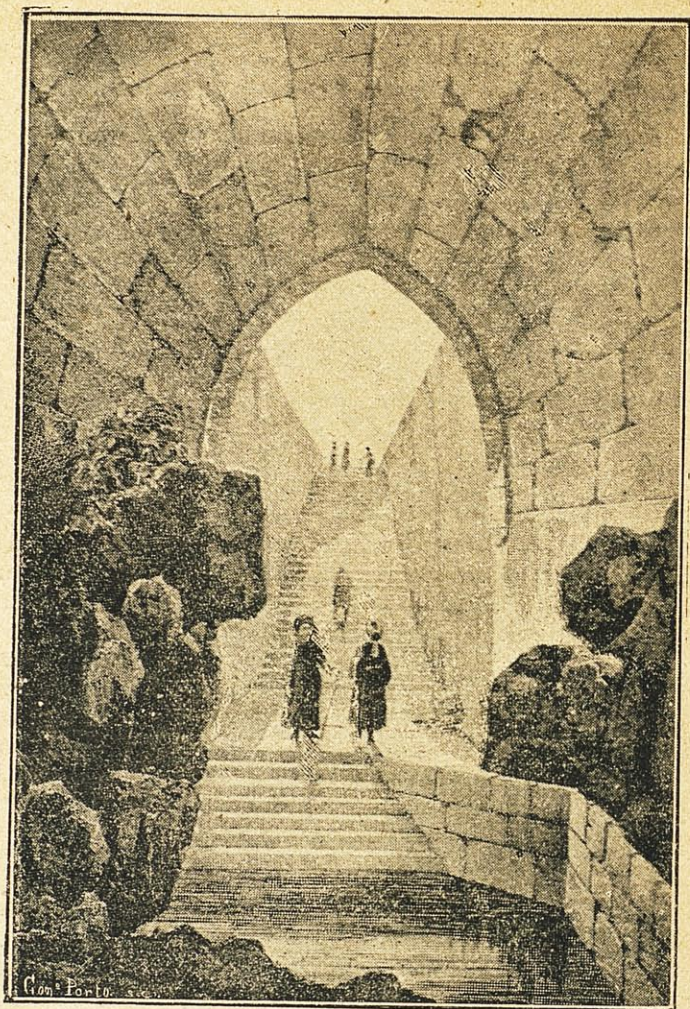
*
**

Reuniões das Delegadas das Fraternidades de Senhoras

PRIMEIRO DIA

Verdade

1.º — Influencia da mulher sobre a corrente das ideias. Acção que as Irmãs podem exercer em prol da verdade religiosa, pelo conhecimento do catecismo e pratica da vida christã e sobrenatural; da verdade



PISCINA DE SILOE EM JERUSALEM (PALESTINA).

economica e social pelo exemplo de obediencia ao Papa: pela escolha do jornal, da revista, das leituras; pela direcção das disputas e conversações.

2.º — Necessidade que as Irmãs têm de se atêr á corrente do movimento franciscano afim de o secundar. As revistas piedosas deveriam ajudal-as n'isto.

3.º — Apostolado das Irmãs pela educaçào maternal, os catecismos, etc.

SEGUNDO DIA

Caridade

Regulamento de piedade d'uma Terceira no mundo. Relaçoens da Ordem Terceira com outras obras de caridade ou de pie-

dade. Sua acção nas obras e pelas obras. O Discretorio e as obras. Divisão do trabalho. Unidade d'acção. Multiplicação das responsabilidades.

TERCEIRO DIA

Liberdade

Lista das Irmãs Terceiras nas obras economicas; banco rural; sociedades cooperadoras de consumo; caixa dos retiros; caixa das familias; syndicato da agulha. As mulheres e os reclames em favor da liberdade social e religiosa.

*
**

No Congresso

A presidencia honoraria foi commettida a Mgr. Beguinot, Bispo de Nimes, emquanto a presidencia effectiva esteve sempre a cargo do Revd.^o P.^e David Flemming, consultor do santo officio e representante do Rev.^{mo} P.^e Geral dos Franciscanos. Pôde fallar e tentar as questões com todo o bom senso judicioso, «condimentando-as ao mesmo tempo com seu pedacinho *d'humor*, muito bem acolhido».

Foram organisadores principaes do congresso, o Revd.^o P.^e Fernando, Provincial, e o Revd.^o P.^e Julio do Sagrado Coração, Commissario Geral da Ordem Terceira, na França.

Notaram-se um representante do Provincial dos Franciscanos Portuguezes, o Provincial da Corcega, Pariz, Tolosa, etc. O Provincial de Pariz representava expressamente o Rev.^{mo} P.^e Ministro Geral dos Capuchinhos.

D'entre os numerosos Terceiros que assistiram ao Congresso destacavam-se o almirante Rallier de Baty, celebrado catholico da França, M. Chabry, bem conhecido pelos seus artigos scientificos publicados no *La Croix*, M. M. Padres Dehon, Pastoret, etc., M. Leão Harmel, enfermo, deplora n'um sentido telegramma a sua ausencia.

Os Revd.^{os} Padres d'Assumpção emprestaram cortezmente seu collegio, e fizeram-se notados por sua discrição e delicadeza.

Em cada dia do *Triduum* succediam-se com todo feliz exito as reuniões geraes e as commissões particulares. Todas as tardes, ás 8 horas houve sermão, procissão e

benção n'uma das mais lindas egrejas parochiaes da cidade.

Na terça-feira de manhã, Mgr. Béguinot, Bispo de Nimes, respondia a um notavel discurso do Revd.^o P.^e David, com uma breve mas agradável improvisação que foi unanimemente applaudida. Na quinta-feira á tarde, o mesmo Prelado proferia um brilhante discurso, mostrando em S. Paulo, e S. Francisco d'Assis os dois amantes apaixonados de Christo.

Mal se formulava e assignava um endereço de rendida obediencia ao Papa quando chegava ás mãos do Presidente um telegramma do Cardeal Rampolla com a benção de Sua Santidade o Papa Leão XIII.

Na impossibilidade de entrarmos nas minudencias do Congresso, de tocarmos na competencia dos oradores, e ajuizarmos das questões debatidas, notamos apenas que as opiniões livres foram combatidas com *plena liberdade e com plena caridade*, no tocante ás questões sociaes, tão claras em face da *justiça* e da *caridade*, mas em extremo dificeis na applicação pratica dos mesmos principios segundo os logares e as circumstancias.

«Não é nossa pretensão, dizia o P.^e David, decidir d'uma vez todas as questões, e até ter sempre a razão pela nossa parte: mas queremos estudal-as a fundo, e votarnos a ellas de vez: não é isto já bastante fazer?»

No dia 27 effectuou-se a peregrinação ao santuario tão popular em todo meio-dia, das Santas Marias do Mar. Partindo de Nimes ás 4 horas da manhã, e chegando ao termo desejado, ás 4 horas, a peregrinação recebia um acolhimento desvellado dos M. Curoa e M. Conego Lamouroux, historiographo das *Santas Marias*. M. Penon, Vigario Geral de Mgr. Arcebispo d'Aix, celebrara a missa da Communhão, e dirigia na missa cantada uma eloquente pratica aos Congressistas. Estes veneraram todos em silencio as reliquias da Santa Maria Jacobe, e de Santa Maria Salomé, e a de Santa Sara na Crypta, e admiraram a igreja antiga, e o contraste admiravel que ella fazia com a verdura das immensas paizagens que a contornavam.

Reorganiza-se a procissão que prosegue cantando hymnos em latim, versos em francez e provençal em direcção á praia onde, segundo rezam tradições, aportaram as *Santas Marias*. «Procissão magnifica, escre-

ve um congressista, o mediterraneo que nós vamos ladeando, ostenta o mais bello azul; é um enlevo para a vista e para a alma! Banhistas e estrangeiros se precipitam e apinham em torno de nós, estão e admiram».

Ao convite entusiasta do Revd.º P.º P. Maria Bernardo de Milhau, gritos de entusiasmo atrôam os ares, e multiplicam-se os *Vivas ás Santas Marias!* A's 2 horas M. Pastoret falla com a eloquente convicção, assás reconhecida na França, e sofficientemente garantida no Congresso de Nimes. Os piedosos peregrinos estavam ainda lembrados do fecho do seu notavel discurso: «Ser conservador é querer conservar o edificio levantado pela Revolução e voltar as costas ás idades em que a influencia christã se fazia integralmente sentir. O christão não deve ser conservador, deve ser um homem de progresso». Agora alli, á beiramar, o Conego Pastoret evoca todas as grandes recordações do congresso e vibra um novo golpe no egoismo.

Mais 2 ou tres horas e eis-nos em Arles! O Revd.º P.º David, como remate do Congresso, dá a benção solemne na antiga igreja de S. Trophimo.

«Que commoção para um religioso inglez, diz *La Croix!* Foi n'esta igreja que S. Agostinho de Cantorbery veiu receber, por ordem do Papa; a uncção que faz pontifices, e cujo centenario nós celebramos este anno».

A ultima benção do illustre Franciscano coroa a Festa emquanto no animo de mais de 500 congressistas se despertava mais viva a memoria do seu notavel discurso, dos accentos eloquentes com que reclamára para a Ordem Terceira o direito de se occupar das questões sociaes.

Era justo que o homem que mais se salientára no Congresso de Nimes pela energia d'acção, conhecimento profundo das aspirações de Leão XIII e das questões da actualidade, deixasse de si indelevel memoria.



Santo Protector para o mez d'Outubro

O glorioso Patriarcha S. Francisco d'Assis. — Nasceu no anno de 1152, em um estabulo, como o filho de Deus, de cuja pobreza e humildade havia de ser um tão notavel imitador. Recebeu no baptismo o nome de João. Depois, chamou-se Francisco porque em pouco tempo aprendia a lingua franceza, tão indispen-

savel aos italianos, em consequencia do seu commercio. Batalhou pela patria, e com equal denodo contra o mundo e contra as paixões. Consagrou-se fervorosamente ao retiro e á oração.

A aparição de Jesus Christo na Cruz, inflamou-o no zelo do Senhor. Tudo deu aos pobres, até os proprios vestidos. Soffreu muito pela sua humildade e abnegação, que até por estas se soffre. Restaurou, com o seu trabalho e com as esmolhas que mendigou, a igreja de Nossa Senhora dos Anjos, ou da Porciuncula. Fundou as tres grandes Ordens que, desde o principio operaram conversões tão maravilhosas, que deram tantos santos á Igreja, e que ainda hoje são a admiração do mundo.

Os Papas Innocencio III, Honorio III, Nicolau III, Nicolau IV, Innocencio IV, Gregorio IX, Martinho V, Sixto IV, Alexandre VI, Julio II, Leão X, Sixto V, Clemente VII, Paulo V, Urbano VIII, Innocencio XI, Clemente II, Bento XIII, Clemente XII, Pio VI, Pio IX, e outros mais ainda, approvaram e confirmaram a Terceira Ordem que, em todos os tempos recrutou soldados energicos para a causa do catholicismo d'entre todas as camadas sociaes, e que, hoje sob a protecção de Leão XIII se tornou o mais formidavel ariete contra o socialismo.

S. Francisco falleceu a um sabbado, 4 d'outubro de 1226, tendo 45 annos de idade e havendo passado 29 depois da sua conversão e 19 depois da fundação da sua Ordem.

Absolvição geral

No dia 4 — Festa do glorioso Patriarcha S. Francisco d'Assis.

Indulgencias

Plenarias:

- 1.^a — No dia 1 — Beata Luiza de Saboya, da 2.^a Ordem.
- 2.^a — No dia 4 — S. Francisco d'Assis, Fundador da 1.^a, 2.^a e 3.^a Ordem.
- 3.^a — No dia 5 — Beato João de Penna, da 1.^a Ordem.
- 4.^a — No dia 6 — Santa Maria Francisca das Cinco Chagas, da 3.^a Ordem.
- 5.^a — No dia 8 — Santa Brigida, da 3.^a Ordem.
- 6.^a — No dia 12 — S. Seraphim de Montegrario, da 1.^a Ordem.
- 7.^a — No dia 13 — Santos Daniel e companheiros, martyres, da 1.^a Ordem.
- 8.^a — No dia 19 — S. Pedro d'Alcantara, da 1.^a Ordem.
- 9.^a — No dia 23 — S. João de Capistrano, da 1.^a Ordem.
- 10.^a — No dia 26 — Beato Boaventura de Potenza, da 1.^a Ordem.
- 11.^a — No dia 30 — Beato Angelo d'Acri, da 1.^a Ordem.

Parciaes:

Em cada um dos dias 1, 4, 5, 6, 8, 12, 13, 19, 23, 26, 30, pódem lucrar-se 256 annos e 50 quarentenas.

Em cada um dos dias 2, 3, 9, 10, 16, 17, 30, 31, 198 annos e outras tantas quarentenas.


No dias 1, 8, 15, 22, 29, 300 dias de indulgencias.

Virtudes a imitar

Devoção fervorosa e perseverante a Maria Santissima.

Maxima de S. Francisco

Assim como ao fogo se derrete a cêra, e com o vento se levanta o pó, assim pela invocação a Maria se põe em debandada os espiritos malignos.



SECÇÃO HISTORICA



SANTA ROSA DE VITERBO

TERCEIRA FRANCISCANA

Sua vida e epoca, por L. de KERAL

*(Traducção)**(Continuação do n.º 8)*

CAPITULO II

Santa Rosa e a influencia Franciscana
1238-1243



MA grande sede d'humilhações e d'opprobrios lhe queimava o coração; soffria-os e solicitava-os com indescendentavel avidez, com indizível alegria.

Quem a injuriasse ou calumniasse, bem podia julgar-se de futuro para ella objecto do mais encendrado reconhecimento, da mais affectuosa benevolencia,—consoante o revelava o gracioso milagre que segue.

Contava Rosa seis primaveras — pouco mais ou menos — quando certo dia se foi por agua á fonte com muitas outras meninas. Uma d'estas, brincando e saltando, acertou de quebrar a bilha que levava na mão.

Receando ser castigada, caso dissesse a verdade, cuidou de contar a sua mãe fôra Rosa, por travessura ou ao menos por descuido, e não ella, a causa do accidente.

Esta mulher, de natural violento e colerico, subito sae de sua casa refervendo em ira, e encontrando Rosa a encheu d'injurias, ultrages e ameaças.

A joven santa, porém, feliz por se ver assim humilhada, cala, soffre tudo, sem ousar sequer desculpar-se. E para evidenciar a sua gratidão para com quem assim a insultava,

toma em suas mãos os pedaços da bilha e sobrepondo-os, dirige a Deus uma curta prece.

Em continente o vaso de barro se inteira e consolida em tal maneira, que nem ainda havia descobrir se signal de fractura.

Tão em extremo ingenuo e tão assás gracioso é este milagre, que, d'entre todos, é o mais em viva e grata lembrança dos habitantes de Viterbo. Bem pôde enumerar-se entre os eminentemente populares.

Todos os annos no dia da sua festa acorrem as multidões ás lojas fronteiras ao templo a prover-se d'estatuas toscamente coloridas — representando a santa com a sua amphora tradicional.

Vendem-se igualmente em grande numero, na praça que se distende diante do sanctuario, verdadeiras amphoras invernisadas e ornadas de desenhos.

Accresce que ainda hoje, como no seculo XIII, se vem as jovens e mulheres de Viterbo, — em grupos, com as quartas á cabeça conversando e rindo, — ir por agua ás rumorosas e limpidas fontes, que são um dos encantos e attractivos de sua cidade.

A vida de Santa Rosa inserida no processo de sua canonisação memora um outro episodio singular. Eil-o em toda a sua singularidade e ingenuidade:

A mãe de nossa santa possuia uma galinha d'especie rara, a quem era mui affeiçãoada.

Viu-se sem ella; fôra-lhe roubada por uma vizinha pouco escrupulosa.

Vindo Rosa em o conhecimento da auctora do crime, foi a sua casa e pediu lh'a restituísse.

Bem longe de confessar o seu crime a vizinha, obstinou-se em o negar, respondendo com injurias á santa donzellinha. Ia retirar-se quando, por castigo de Deus e para confusão d'aquella mulher, lhe appareceram instantaneamente sobre a face direita do rosto pennas semelhantes ás da roubada galinha, sem lhe ser possivel o arrancar-as.

Figure-se agora a sua confusão e passo em presença d'um tal castigo.

Apressa-se a restituir o alheio, e em seguida lança-se aos pés de Rosa, porque suplique a Deus a haja livrar de tão ignominoso ferrete.

Posta a santa em oração com o céu, subito desapareceram as accusadoras pennas.

Não são estas as unicas virtudes que Rosa vai haurir á escola do Mendigo d'Assis.

Por pouco que se verse a historia das quadras heroicas da Familia Franciscana, pres-tes se colhe que os Frades Menores eram então — por excellencia — os companheiros e amigos do indigente, os enfermeiros dos hospitaes, o arrimo da velhice e da orphan-idade, os servos dos desamparados.

A' norma do Chagado do Alverne — a quem nominavam Pai — appareciam por toda a parte de braços abertos para estreitar os que soffriam crucificados, se licita nos é a comparação, sobre a humana miseria, como Jesus Christo sobre o lenho da cruz.

Rosa a seu exemplo e sob tão seraphica inspiração constitui-se serva dos pobres.

Quotidianamente visitava e consolava algum e sendo ella tambem pobre, não raro se privava do alimento para com elle o so-levar. Saia levar-lhe o pão que ás occul-tas havia furtar á sua propria refeição. Quão agradável fosse a Deus esta tão engenhosa caridade, apressurou-se Elle de o revelar n'um prodigio assás renovado já em favor de muitos outros santos.

Certo dia como saisse de casa com o costumado roubo escondido no regaço, deu, sem o esperar, com seu pai, que attentan-do em seu ar mysterioso e confuso se ap-proximou para saber o que levava.

Abrindo e franqueando ella o regaço achou seu pai maravilhado — que eram in-tempestivas — serem rosas brancas e encar-nadas, frescas e odoríferas.

Alfim, pelo lado politico e social, via Rosa os Frades Menores tomar-se a peito a defesa dos pequenos e dos fracos; via-os de-clarar guerra aos oppressores, quaesquer que elles fôssem, travar com elles rijo com-bate sem misericórdia nem treguas. Por to-das as provincias d'Italia resoavam então vigorosos protestos contra os Cesares Alle-mães; por toda a parte se contavam as santas audacias d'Antonio de Lisboa, que annos havia poucos affrontara Ezzelino, gen-ro de Frederico II, em seu proprio alca-çar, em meio de seus bravos armados.

Por seu turno, a santa menina sentia comere-m-lhe o coração ineffaveis ternuras pelos humildes e oppressos, generosas cole-ras contra a tyrannia, patrioticas revoltas contra o usurpador.

Para abroquelar a causa da Santa Sé,

para revindicar os direitos do vigario de Jesus Christo, para reconquistar as cidades pontificias, — presa d'evasores Gebellinos, — os Filhos do Patriarcha d'Assis grandemen-te se empenhavam em reunir n'uma vasta cruzada todas as almas verdadeiramente fortes, todos os corações generosos e devo-tados.

Rosa ambiciona tomar parte em tão he-roico e magnanimo empreendimento; anhe-la soffrer e combater sob os estandartes do Pontifice-Rei. No fervor de sua prece exora bem vezes a Deus haja enviar um li-berizador á Patria, um vingador ao Papado.

Assim caminhava a passos longos pelas vias da santidade; e o espirito de Francis-co d'Assis, o espirito do Evangelho e da cruz, sempre a torneiar-lhe mais e mais a frente de seus immarcesciveis fulgores.

Era-lhe ainda mysterio o apostolado que o Senhor lhe impendera e similhantemente as phases de sua porvindoiria existência.

Melhormente: como não visse mais que a fraqueza e miseria proprias, como em sua humildade se cuidasse um ser inutil e im-potente para effectuar coisa nobre e grandiosa, aspirava unicamente a finir-se d'a-mor por seu Deus, longe, bem longe, d'o-lhos humanos, na prece e na penitencia, na obscuridade e em privações, na solidão e no desprezo.

Tão sublimes eram já os ardores em que se esbraseava seu coração por seu esposo — Jesus, — que não raro lhe punham uma especie de delirio.

Por noite — dizem as Actas do seu Pro-cesso — quando havia remanecido longo tempo em oração, eram taes os impetos de ternura e d'enthusiasmo, que, não havendo conter-lhes a vehemencia, saia de sua hu-milde vivenda e percorria as ruas e praças da cidade entoando canticos melodiosos e envidando a natureza a despertar e a cele-brar o seu Creador.

(Continua)



PENSAMENTOS

Soffrer e ter paciencia é o nosso patrimonio.

(LEÃO XIII *Rerum novarum*).

O infortunio é a pedra de toque dos ingratos.

(C. CANTÚ, *Hist. Universal*).

A honestidade da mulher foi sempre ornamento do dote para as filhas.

(L. B. ALBERT, *Angel Pandolfim*).

A indigência e o soffrimento, sob todas as fórmãs, são a consequencia do peccado original. A miséria e o pauperismo endemicos são a consequencia do peccado social da injustiça.

(P. AGOSTINHO ZUBAC, FRANCISCANO, no Congresso de Limoges 1897).

O que ora, faz mais pelo mundo do que o que combate: e se o mundo vae de mal em peor, é porque ha mais combates que orações.

(DONOSO CORTÉS)

Tudo que se tira á soberania de Deus, accrescenta-se á soberania do carrasco.

(LUIZ BLANC, *Hist. dos dez annos.*)

ANECDOTAS

Um sargento d'infanteria está instruindo diversos recrutas, e diz:

— Quando eu disser — Um! levantem o pé direito.

Dois soldados ouvindo a ordem do sargento obedecem: um, porém, levanta o pé esquerdo.

O sargento, observando que ha dois pés juntos, exclama, indignado:

— Quem é o estúpido que está com os dois pés no ar?

+

O entusiasmo dos parisienses.

N'um boulevard:

Um sujeito bate na testa com desespero.

Acredite! . . . isto é que se chama macaca! na vespera da chegada do czar! no momento em que todos o vão acclamar! o que me succede é inaudito! só a mim acontecem estas coisas!

— Mas que lhe succedeu?

— Estou rouco! . . .

Leituras amenas

O VESTIDO BRANCO

I



QUEM não reparou alguma vez n'essas graciosas borboletas que andam voejando lêdas e doidas, de flor em flor, nos dias amenos e deleitosos da primavera?

Quem é que nunca viu o lirio do vale a expandir-se, puro e exuberante de vida, aos raios vivificantes do sol de Maio?

Pois era assim a heroína da historia que vou contar.

Luiza, — que assim se chamava ella — tem agora nove annos; a infancia tem-lhe

corrido despreoccupada e folgasan, no regaço da riqueza, mas respirando sempre o ambiente da virtude. A minha encantadora Luizinha têm borboleteado tambem descuidosa n'essa atmospherã impregnada da mais suave poesia o exquisito perfume que se chama o lar domestico.

Mas seu coração tem-se conservado sempre innocente, puro e simples, d'essa simplicidade fascinante que não chega a comprehender que este mundo é uma comedia onde uns aos outros nos enganamos, e não, como Luizinha julgava, um eden de innocencia onde só reina a verdade e a virtude.

E que coração, o de Luizinha! Nunca houve outro mais delicado e sensível aos affectos nobres e sublimes, nem mais attentiosamente subtil e obsequioso para adivinhar e espreitar os gostos alheios, e cheio de meiguice e doçura para remediar as necessidades dos outros.

E' realmente o coração d'um anjo.

O rosto de Luizinha é habitualmente sereno, como o mar em dias de calma, quando dorme o vento; não transpareceu ainda n'elle o mais ingenuo e suave movimento que denunciase o despertar das paixões. Seus olhos, profundamente azues, tem o condão magico de exteriorisar os affectos, por mais encontrados que sejam, que se passem lá dentro: cheios de severa magestade quando se iram, e irradiantes de meiga doçura quando se abrandam; sempre porém attrahentes, encantadores.

Seus cabellos, de um loiro côr de avelã, tem demais d'isso uns reflexos doirados que espelham graciosamente o brilho do sol, quando, soltos e descuidados, lhe ondêam pelos hombros em fartas madeixas.

Luiza é filha unica, orfan de pae, um illustre fidalgo d'essa antiga nobreza cujos titulos se não gastam nem envelhecem com o tempo como esses que só constam de velhos pergaminhos, perdidos no pó dos archivos: os seus foram conquistados á custa de illustres façanhas e acrisoladas virtudes com que seus ascendentes soubêram ganhar um nome digno de figurar, com letras d'oiro, no pantheon da historia. O nobre conde procurou seguir as tradições da familia, praticando as virtudes que herdára com o sangue. Fallecera, quando Luiza contava apenas 3 annos de idade.

Sua mãe, a piedosa condessa, era digna de seu marido: e podia figurar com honra ao lado d'essas veneráveis matronas que, no agiologio christão, são conhecidas pelos nomes de *Monicas*, *Perpetuas* e *Felicidades*.

Por morte de seu marido dedicou-se toda a educar christãmente sua filha. Sem outro objecto que lhe distrahissem os affectos maternas, a ella os consagrava todos, vassando a flux, n'aquelle coraçõsinho ainda virgem, com os ineffaveis carinhos da ternura maternal, os germens das virtudes christãs, que, fecundados pela acção vivificante de seu exemplo, haviam de fructificar um dia copiosamente para o céo.

Como Branca de Castella, dizia a boa mãe amiudadas vezes á sua adorada Luizinha: «Olha, filha, é muito grande o amor que te consagro, mas antes quero vêr-te morrer, e ficar eu orfan de teu amor e de teus carinhos em minha velhice, do que vêr-te maculada d'um só peccado mortal, mas sempre solícita e desvelada junto de mim».

Mal sabia ella então que Deus ouvia lá no céo aquella prece, que, no silencio do seu coração, subia até ao empireo como sóbe do altar o fumo do incenso.

Estas palavras que dão perfeita ideia da esmerada educação de Luizinha, calavam profundamente em seu espirito, inspirando-lhe horror mortal ao peccado, e dispondo-a anticipadamante para que lá mais tarde, quando fõsse o alvorecer da idade juvenil e assomassem a seu coração as paixões ruins, soubesse resistir-lhe e tivésse força para supplantal-as.

Viviam sós, mãe e filha, em companhia d'uma velha creada que era considerada já como pessoa de familia. E merecia-o, a boa Iria. Nunca houve serva mais prompta nem mais diligente no cumprimento de seus deveres.

Amava Luizinha como se fosse filha sua. Quando em casa faltava a condessa, era ella que a substituiu, constituindo-se para Luizinha um verdadeiro anjo tutelar.

E que paz que ali reinava! Bem o sabia, a visinhança, que só conhecia a illustre familia pela designação, aliás bem significativa, de *familia abençoada*.

II

Luizinha anda agora mais preocupada que de costume. A condessa occupa-se tam-

bem, com o maior cuidado, em algum trabalho importante que lhe absorve toda a attenção. A graciosa Luiza já não brinca tanto, rara vez sae ao jardim, anda mais concentrada e recolhida; n'uma palavra: toda ella parece absorvida por algum importante negocio que muito a interessa.

E' que se aproximava o dia de sua primeira communhão.

A gravidade que já se notava em todos seus actos, a modestia e recato que lhe transparecia no rosto, a pureza e innocencia que até ali soubera tão cautelosamente guardar em seu coração, tudo influiu em sua mãe para que diligenciasse que tão prematuramente lhe fosse concedida esta graça; e foi pelas mesmas razões que o zeloso Pastor da freguezia se resolveu a condescender com seus desejos.

A condessa quiz fazer por suas proprias mãos o vestido branco de que Luiza iria adornada ao aproximar-se do banquete eucharistico. Desejava ella que a grandeza do acto se gravasse bem funda no espirito de sua filha, e por isso nada omittia que podesse impressional-a n'este sentido, e fazer-lhe conceber uma ideia elevada da acção que ia praticar.

E o coração da angelical Luiza amoldava-se maravilhosamente aos desejos de sua mãe: se a vemos agora tão recolhida e concentrada, é porque o estudo de seu cathecismo lhe absorve todo o tempo; é porque a meditação do acto sublime que vae praticar a traz alheia ao que fóra d'ella se passa; é porque seu coração, em extremo sensível e delicado, deixa-se impressionar extraordinariamente da consideração d'este excesso d'amor que faz com que um Deus baixe do céo á terra, ao coração do homem, a fim de o attrahir para si e fazê-lo ditoso e feliz.

E quanto tardava a Luizinha este grande dia!

Mas chegou alfim. Era um formoso dia de Junho, bello e sereno como o rosto da nossa Luizinha. Jesus queria que ao entrar pela vez primeira n'aquelle coração tão puro e innocente, a natureza ostentasse as suas galas mais vistosas, e se ataviasse de suas mais preciosas arrecadas.

N'aquelle dia, Luizinha acordou mais cédo. Levantou-se, e fez com o maior apuro a sua *toilette*, não com a vaidade pueril de quem só pretende agradar, mas com a

intima convicção de que para receber, dignamente a Jesus, é mister attender não só á pureza interna, mas tambem á limpeza e atavio exterior.

Quando soou a hora de partir para a egreja, foi, acompanhada de sua mãe, até se incorporar em um vistoso côro de virgens, que, como ella, iam tomar parte pela primeira vez no festim eucharistico.

Não quero detêr-me aqui na descripção da cerimonia augusta: todos os meus leitores a terão presenciado, e haverão já experimentado a inebriante doçura e ineffavel prazer que n'aquelle momento — unico na vida — inunda o coração ainda puro e simples, e que ainda não sonhou com outra ventura senão a de agradar a Deus e ser util ao proximo.

Luizinha tambem nunca suspeitára que podesse haver no mundo outra felicidade, e por isso n'aquelle momento o seu coração era feliz: amava e sabia que era amado.

Quando estava prestes o momento solemne, Luiza foi, como os outros meninos, ajoelhar-se ao pé de sua mãe e pedir-lhe perdão. A condessa não pôde responder, porque as lagrimas lhe embargaram a voz. Se alguma vez, pagando o seu inevitavel tributo á fragilidade humana Luiza a tinha offendido com alguma levissima falta, tudo n'aquelle momento lhe esquecêra; abraçou ternamente aquelle pedaço de seu coração, beijou-a affectuosamente, e ficou orando em silencio para que a sua querida Luizinha se conservasse sempre innocente e virtuosa como fôra até aquelle dia.

N'uma fervente allocução que dirigiu aos meninos antes de ministrar-lhes a Sagrada Eucharistia, fez-lhes vêr o zeloso sacerdote quanto este novo beneficio que recebiam de Deus os obrigava a serem sempre bons e virtuosos; sobretudo procurou accentuar a ideia de que deviam sempre conservar puro e innocente o coração, como era puro e alvo o vestido com que se aproximavam do banquete sagrado.

Assim o propôz Luizinha, promettendo firmemente ao seu Jesus que nunca mancharia a alvura do seu *vestido branco*.

Pobre Luiza! Agora, entre os perfumes do incenso e as suaves harmonias dos cantos sagrados, respirando alli aquella atmosphera de paz e felicidade, e deslumbrada pelos esplendores do culto religioso, — mal pensava ella que bem cêdo viria a triste

realidade desvanecer-lhe aquelle sonho de seu espirito, ainda não acostumado a sentir o embate furioso das paixões, e os assaltos formidaveis do inferno!...

Terminada a festa, Luiza voltou para casa, alegre e satisfeita, e trazendo bem gravadas em seu coração as nobres impressões que aquelle acto grandioso produz nas almas que, como a sua, só se approximam da meza eucharistica depois de haverem esculpulosamente cumprido o preceito do Apostolo, que nos ordena um rigoroso exame de nós mesmos antes de irmos sentarmos ao banquete dos Anjos.

III

Luizinha teve bem depressa occasião de experimentar quanto é fragil e inconstante o coração humano.

Eram decorridos apenas quatro ou cinco dias após sua primeira communhão. N'aquella malfadada tarde a condessa teve necessidade de sair de casa, e Luiza ficou, como de costume, entregue aos cuidados da fiel Iria.

O espirito do mal pairava aquella tarde sobre a pacifica morada. Ou — quem sabe? — secretas disposições da Providencia, que permite o mal para fins occultos á nossa apoucada intelligencia humana.

Iria achára sempre Luizinha prompta e fiel em obedecer-lhe em tudo que lhe mandava; esta, pela sua parte, respeitava-a quasi como a sua propria mãe. E não o fizesse ella assim!... Lá estaria a condessa que não era indulgente nem benigna para castigar faltas d'esta ordem.

Assim foi que, usando d'este direito já por todos reconhecido e acceito, Iria encarregou Luiza d'uma incumbencia qualquer, de pouca importancia.

Mas Luiza não obedeceu! E, a nova instancia da creada, retorquiu sêcamente:

— Não vou... Eu não sou criada de ninguem...

Era a primeira vez, em sua vida, que Luiza desobedecia; e propositadamente, conhecendo que obrava mal; não tinha ao menos a attenuante da precipitação ou da irreflexão! Tão depressa esqueceu ella os firmes propositos de fidelidade, que ha pouco fez a Jesus!...

A prudente Iria dissimulou.

Bem sabia ella que uma chaga melin-

drosa nunca se cura com um caustico. No entanto, julgou que devia participar tudo á senhora, e, quando ella chegou, á noite, assim o fez.

Mas bem castigada estava já a triste de Luizinha!... E' tão verdade que o maior verdugo do criminoso é o testemunho insubornavel de sua propria consciencia!...

Apenas commetteu a falta logo lhe acudiu a ideia do seu *bestido branco*, tão cedo manchado com a feia nódoa do peccado. E com este, que tropél de tristes pensamentos lhe affluu á imaginação!

Bem queria ella desfazer-se d'elles; mas não podia. Não é facil fazer calar o remorso. E ai da consciencia que alguma vez chegou a conseguil-o!

Pobre Luiza! Ainda hontem lhe parecia que era tão firme o seu proposito, que por coisa alguma d'este mundo chegaria a quebrá-lo. E hoje, vêr já diante de si a cruel desillusão... Daria agora todo o oiro do mundo se o tivesse, em troca d'aquella ditosa paz que ainda ha pouco disfructava sua consciencia.

Quando a condessa soube o que se passára, cuidou logo em remediar o mal: chamou Luizinha, extranhou-lhe a falta, e, com aquella doçura e carinho cujo segredo só uma mãe conhece, mandou-lhe que fosse pedir perdão a Iria.

— Mas eu não posso, maman...

— Pois tem de ir.

— Custa-me muito! Não posso!...

— Já disse...

E Luizinha ficou só.

Que luta gigantea se travava então n'aquelle coração! D'um lado era o orgulho humano que pela vez primeira levantava a cabeça, altivo e arrogante; do outro era a obediencia a sua mãe, era a voz de sua consciencia, e... de seu coração, que era naturalmente brando, meigo e affavel.

Mas Luizinha impoz silencio á voz do coração e da consciencia; triumphou o amor proprio!

Uma falta nunca vem só; e Luizinha, depois de haver desobedecido á creada, desobedeceu tambem a sua propria mãe.

E o demonio riu-se mais uma vez das resoluções tomadas, n'um momento de fervor, por uma alma bôa, mas ainda ignorante da força das paixões terrenas.

(*Continua*)

F. LUSO.



CULTO DE S. ANTONIO

PORTUGAL



Divertencia— O sr. thesoureiro da Pia União previne a todas as pessoas que lhe enviarem encommendas de medalhas, que o preço das de aluminio e metal amarello começou a ser de 180 réis, continuando as de bronze a custar 200 réis. Em vista das exigencias do cambio, que davam causa a que as medalhas não dêssem para o seu custo, e sobretudo por causa dos extraordinarios direitos aduaneiros que sobrecarregam objectos d'este genero, quando vindos do estrangeiro, tornou-se forçoso dar este passo, ainda que bem contra nossa vontade.

Novos membros da Pia União — Desde 15 de agosto passado foram inscriptos na Pia União os seguintes associados:

| | |
|---------------------------------------|--------|
| <i>Patriarchado</i> | 328 |
| Lisboa | 301 |
| Paço | 27 |
| <i>Arcebispado de Braga</i> | 344 |
| Braga. | 1 |
| Povoa de Varzim | 71 |
| Villa do Conde | 38 |
| Melgaço | 128 |
| Valloura | 86 |
| Varias partes | 20 |
| <i>Diocese do Porto</i> | 38 |
| Mezão-frio | 4 |
| Mancellos | 25 |
| Macieira | 1 |
| Travanca | 1 |
| Freixo de Baixo. | 1 |
| Penafiel | 6 |
| <i>Diocese de Bragança</i> | 307 |
| Vinhaes | 43 |
| Padence | 255 |
| Murias | 9 |
| Varias partes | 289 |
| Total dos associados | 93:781 |

BRAGA

De 15 de agosto a 15 de setembro entraram no cofre de Santo Antonio 124 car-

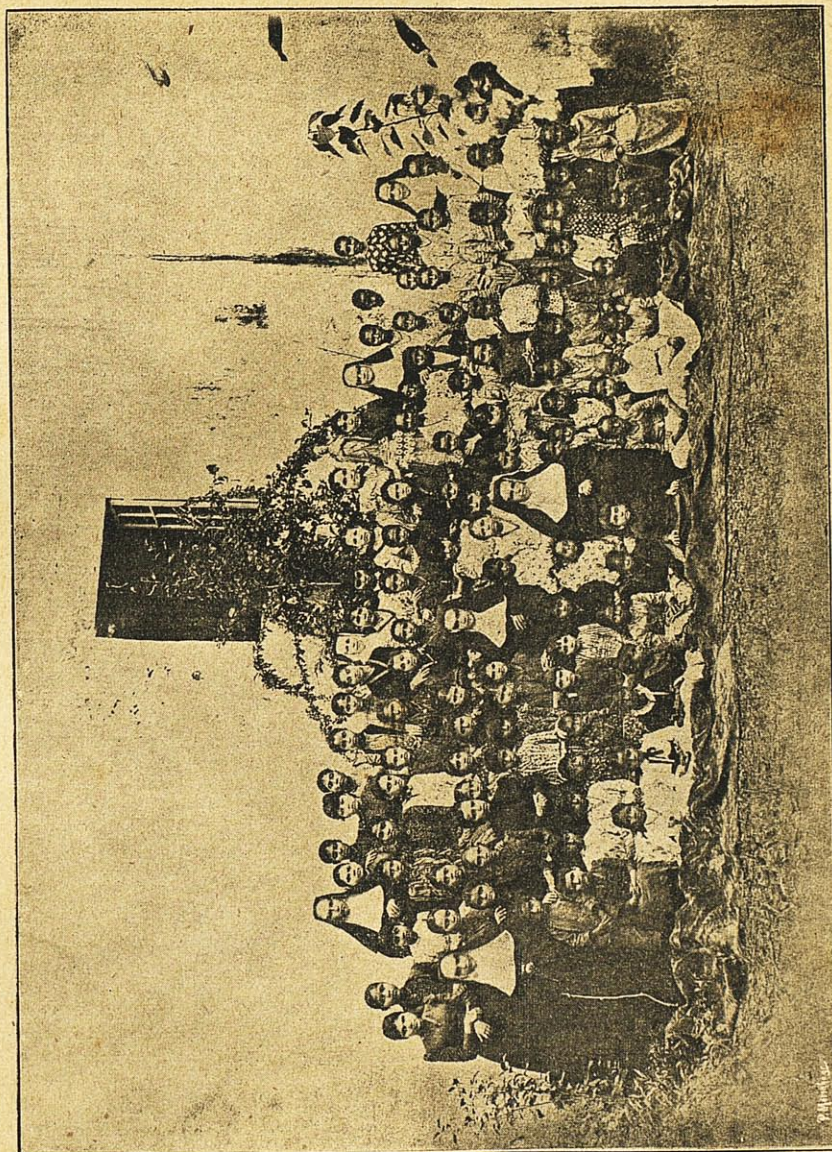
PETIÇÕES

tas, das quaes 94 pedindo varios beneficios, e 30 agradecendo diversas graças alcançadas.

Aquellas recommendavam 40 curas, 6 pessoas ausentes, 13 conversões, 3 matrimonios, 3 isenções do serviço militar, 13 negocios temporaes, 3 objectos perdidos, 2

A pedir saude — Meu bom Santo Antonio, peço-vos que permittaes que uma pessoa de nossa familia que está muito doente, melhore durante estes 8 dias e dar-vos-hemos 3:000 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

— Meu glorioso Santo Antonio, se vós permitirdes que a nossa tia possa comer e levantar-se



COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

familias, 3 negocios espirituaes, 4 vocações, 3 restituções, etc.

As acções de graças eram: por 2 conversões, 6 objectos extraviados que se encontraram, 2 negocios temporaes, 4 exames, 9 curas, 1 pessoa ausente, etc.

D'umas e outras apresentamos algumas:

por si, prometto-vos 500 réis, para ajuda do pão dos pobres.

— Milagroso P.^o S. Antonio dos Terceirosa uma mãe afflictiissima que tem ha 50 dias uma filho, com febre sem que os medicos até agora lhe tenham atinado com a doença, pede-vos para que intercedaes com a Santissima Virgem Maria a dar-lhe cura, promettendo dar 1:000 réis, se ella até ao

proximo sabbado de Nossa Senhora sahir da cama e andar algumas passadinhas; e mais promette 5:000 réis, caso a dita doentinha recupere a sua antiga saude. Estas offertas serão dedicadas ao pão dos pobresinhos. — *Uma mãe afflicta.*

Restituição — Meu bom Santo Antonio. Meu pae é bastante pobre e roubaram-lhe 6:000 réis; se permittirdes que lh'os restituam, dou-vos para o pão dos vossos pobresinhos 600 réis. — *Uma vossa devota.*

Isenção do serviço militar — Glorioso Santo Antonio. Se permittirdes que meu sobrinho fique livre do recrutamento, prometto de vos dar 1:000 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

Emprego — Meu querido Santo Antonio, Santo do meu nome, se permittirdes que meu pae arranje um emprego em Braga o mais breve que possa, pelo menos no praso de um mez, prometto-vos dar do primeiro dinheiro que eu ganhar no meu negocio 800 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

Conversões — Santo Antonio. Offereço-vos a esmola de 200 réis, se até ao fim de setembro tocardes no coração d'aquella pessoa para que se confesse e lhe alcançares de Deus a saude, de que tanto precisa. — *Villa do Conde.*

— Meu querido Santo Antonio. Peço-vos, pelo amor de Deus, que façaes com que o meu filho peça perdão ao pae, da offensa que lhe fez, e torne a ser como era d'antes: religioso e bom. Os maus companheiros teem-no perdido; fazei com que elle se arrependa de tudo que nos fez, e se humilhe.

Peço-vos isto até ao fim do mez; se me fizerdes esta graça dou-vos 2:000 réis para os vossos pobres. — *Uma vossa serva.*

— Meu glorioso Santo Antonio. Fazei que eu vença o meu defeito predominante.

Se até ao dia 31 de outubro eu não tornar a cahir n'elle, offereço aos vossos pobres 1:000 réis. E d'ahi por diante, durante um anno, offereço 500 réis mensaes em todos aquelles mezes em que não cahir n'esse defeito. Fimdo esse anno eu continuarei a mostrar-vos a muita gratidão pelo vencimento d'esse defeito ou d'outro que então eu tenha, além dos muitos que possuo.

Em 11 de setembro de 1897.

— Meu querido Santo Antonio. Não tendo eu obtido a graça que ha tempo vos pedi, resolvi hoje pedir-vos que, pelo amor que tivestes a Jesus e Maria, me alcanceis do Sagrado Coração de Jesus a conversão do meu querido pae.

Peço-vos, meu querido Santo, que me não deixeis de soccorrer; permitti que elle deixe o vicio e se resolva a amar a Jesus. Dar-vos-hei para o pão dos vossos pobres 500 réis.

Diversas — Meu querido Santo Antonio. Alcançai-me de Nosso Senhor aquella graça que vos pedi; vós bem sabeis a falta que me faz se a não alcanço; pedi muito, e se m'a concederdes, dou-vos um anel de ouro; dou-vos tambem o que vos pormetti ha muito tempo e publicarei este beneficio mandando dizer uma missa em acção de graças no vosso altar. Darei mais o que eu poder para os vossos pobresinhos.

— A vós, meu glorioso S. Antonio, recorro com confiança e amor, implorando a graça de attendeirdes ás minhas supplicas.

Prometto dar-vos sempre o que me fôr possível para o pão dos vossos pobres, se tiver bom exito o que eu tanto anceo ver realiado até ao fim de setembro, se fôr essa a vontade do divino Jesus e da Virgem Maria, e para bem da minha alma. Não vos esqueçaes do meu pedido, meu protector S. Antonio. Vianna — *Uma vossa devota.*

— Meu glorioso Santo Antonio entrego-vos dois negocios de grande importancia; são temporaes, vós bem o sabeis, mas complicam muito com o espiritual.

Para este fim mando-vos 500 réis para o vossos pobresinhos, e se alcançar o que vos peço mandarei mais 1:000 réis e vestirei todos os annos, no vosso dia, uma creança pobre.

EM ACÇÃO DE GRAÇAS

Curas — Milagroso Santo Antonio, agradeço-vos penhoradissima por me alcançardes o que vos pedi: as melhoras de minha saude e o exame de meu filho.

— Meu querido Santo Antonio, eu vos agradeço a graça que me fizeste de me melhorar a menina que esteve doente.

Ahi vos envio 1\$000 réis que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos.

Concedei-me tambem, querido Santo, todas as graças espirituaes que necessito.

— Meu querido e glorioso Santo Antonio. E' com o maior reconhecimento, fé e devoção, que venho agradecer-vos as melhoras progressivas, que por vossa intercessão obtive o meu querido papá.

E' a vós, meu glorioso Santo, depois de Jesus e Maria, a quem devo tamanha graça, e como promessa envio-vos 500 réis para o Pão dos vossos queridos pobresinhos. Continuae, Glorioso Santo, a proteger o meu querido papá, e a todos os meus; abençoe a Vossa humilde devota. — *Uma filha de Maria.*

— Meu querido Santo Antonio. Do coração vos agradeço por me terdes alcançado de Nosso Senhor a graça de retirar de meu filho a terrivel doença que já não encontrava na medicina remedio algum.

Agora que por vossa intercessão está livre, vos agradeço e vos dou os 500 réis que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos; de novo vos peço que lhe tireis o grande fastio que tem para recuperar as forças e continuar os seus estudos, e eu sempre que possa lembrar-me-hei dos vossos pobresinhos. Permitti que não dê em mais ninguem de minha familia. — *Uma devota.*

Braga, 18 = 8 = 98.

— Meu glorioso S. Antonio. Cheia de reconhecimento e alegria venho agradecer-vos a graça de meu filho ficar completamente bom. Mil graças vos dou por tão grande beneficio.

Ser-vos-hei sempre reconhecidissima e nma vossa humilde mas fervorosa devota. Agradecei, meu Santo Antonio, a Jesus, Maria e José este tão grande favor.

Em cumprimento da minha promessa, peço para esta graça ser publicada no vosso jornal a *Voz de Santo Antonio*, e todas as graças que obti-

vêr, mandal-as-hei para serem publicadas. Mil e mil agradecimentos.

Objectos perdidos = Meu glorioso Santo Antonio. Como sabeis, vi-me n'aquella occasião de julgar perdidos ou até roubados certos objectos; e recorrendo a vós, tudo me appareceu sem nada me ter perigo; por isso vos envio a quantia de 100 réis que vos prometti.

Concelho de Amarante, 29 = 8 = 97.

— Glorioso Santo Antonio. Aqui vos entrego a quantia de cinco mil réis que eu vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos por me terdes deparado aquelle dinheiro que eu de todo julgava perdido e que, o tel-o recebido, o devo á vossa protecção. Pedi por mim ao Senhor e Nossa Senhora: que me não desamparem e me deem saude, do que muito preciso.

Exames — Milagroso Santinho. Agradeço-vos a graça pedida, de fazer os tres exames que me restavam para terminar os preparatorios.

Envio a esmola promettida.

Continuae a proteger o vosso *afilhado*.

— Meu glorioso Santo Antonio. Agradeço-vos a graça que me fizestes de eu ficar bem no meu exame. Offereço-vos 100 rs. para os vossos pobres, e peço-vos continueis a pedir a Deus por mim.

Pessoa ausente — Meu milagroso Santo Antonio. Agradeço muito e muito a vossa valiosa protecção, pois logo que a vós recorri foi despachada a minha supplica recebendo uma carta de meu querido filho que está no Brazil que, era este o meu pedido. Apresso-me hoje a agradecer-vos por escripto este favor e a enviar-vos a promessa de 1\$000 rs. para o pão dos vossos pobrinhos. Continuai, eu vos peço, ó glorioso Santo, a me proteger e a toda a minha familia para podermos viver na paz do Senhor.

Mancellos do Concelho de Amarante, 22-12-96

Diversas — Gloriosissimo Santo Antonio. Offereço-vos esses 10\$000 rs. em cumprimento d'um voto que vos fiz. Permitti despachar-me mais 2 negocios que tenho entre mãos, que vos offerecerei pelo menos mais 10\$000 réis.

Barcellos.

— Meu Bemaventurado Santo Antonio. Agradeço-vos a graça que me concedestes e envio-vos os 1\$900 que em acção de graças vos prometti para o pão dos pobresinhos, e peço-vos pela vossa bondade continueis a dispensar-me os vossos favores celestiaes. Peço-vos, meu Santo bendito e milagroso, permittaes que meus paes se reconcilhem, e que a paz reine em nossa casa; pedi pela vossa bondade ao Menino Deus por está grande necessidade; logo que esta graça me seja concedida, distribuirei 500 réis de pão aos pobres, em vosso nome.

— Pede-se a caridade de uma Ave Maria pela conversão de um peccador que se não confessa ha mais de 30 annos.

— Milagroso Santo Antonio. Ahi vos envio 1\$400 réis que vos prometti; agradecei por mim a Jesus, a Maria e a S. José, e não vos esqueçacs de mim; eu tambem não me esqueço de proclamar bem alto a graça que vós me fizestes.

Tambem vos peço que entereadaes por mim

aos Santissimos Corações de Jesus e de Maria para que eu alcance d'elles a graça do que vos tenho pedido. — *Vossa humilde devota*.

— Meu Inclito e Milagroso Santo Antonio. Compenetrado do mais intimo e puro reconhecimento pela graça recebida, mando lançar na caixa do Pão dos Vossos pobresinhos a esmola de 500 réis como prometti, e publicar na Vossa *Voz* este tão anciado e valioso beneficio.

Guimarães, 29 d'Agosto de 1897.

— Meu glorioso Padre Santo Antonio. Aqui deixo na caixa das vossas esmolas a pequena offerta (200 réis) que vos prometti caso o meu vinho não soffresse avaria, o que de facto não succedeu. — *Uma vossa devota*.

LISBOA

Centro Parochial, na egreja dos Anjos

Graças a Deus, o nosso Centro continúa com o mesmo fervor. Tivemos a nossa reunião no 4.º Domingo d'Agosto com o SS. Sacramento exposto, coroinha de Santo Antonio, pratica e canticos, e tudo e sempre com verdadeira devoção.

Em todas as terças-feiras temos dado o pão a mais de 80 pobres, havendo antes da distribuição uma pequenina pratica sobre á doutrina christã, e na primeira terça-feira recitação da Corôa Angelica pelos associados defunctos e Benção do SS. Sacramento.

O cofre do pão dos pobres rendeu réis 13:000 no mez d'Agosto. O cofre das petições tinha 16 cartas pedindo differentes graças espirituaes e temporaes, e 6 de agradecimento por diversos beneficios. Eis aqui alguns:

PETIÇÕES

Meu querido Santo, Converteti meu filho; fazei que elle-entre no bom caminho. O' bom Santo, ouvi as preces d'esta pobre mãe. Se me ouvirdes darei uma esmola para o pão dos vossos pobresinhos.

— Glorioso Santo Antonio. Alcançae-me de Nosso Senhor a graça de minha filha se vêr livre do mal de que é atacada, o prometto 150 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *Jacinto*.

— Milagroso Santo Antonio. Venho humildemente pedir-vos me alcanceis as graças espirituaes que sabeis me são necessarias e que por varias vezes já tenho pedido; e que me ajudeis a levar a minha pesada cruz de modo que seja para gloria de Deus e bem da minha alma. Prometto dar 100 réis paca os vossos pobresinhos, e espalhar a vossa Pia União. — *A. P.*

— Meu querido Santo Antonio. Peço-vos que me depareis onde eu possa ganhar os meios sufficientes para poder estar na minha casa, que ganhe ao menos 300 réis diarios; e prometto allumiari a vossa Santa Imagem de dia e de noite durante um mez.

AGRADECIMENTO

Meu querido e glorioso Santo Antonio. Mil vezes agradecido pelo grande beneficio que me fizestes: quanta afflicção teria agora se me não tivesses ouvido? Perdoae-me não vos ter agradecido ha mais tempo e cumprido a promessa logo depois de ter obtido o milagre; sabeis o motivo; mas se houve alguma negligencia, perdoae-m'a, meu incomparavel Protector.

Sêde-me sempre favoravel e fazei que eu nunca desmereça o vosso patrocínio. Amen. Em cumprimento do meu voto vos remetto 1\$250 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

— Meu querido Santo. O meu coração vem reconhecido agradecer-vos a graça que me fizestes restituindo a paz á minha pobre alma; se não fosses vós, iria talvez a caminho da condemnação. Livrae-me do peccado mortal, e fazei que eu goze sempre a paz do Senhor.

— Bom Santo Antonio. Eu vos agradeço o terdes-me alcançado a graça de conhecer a minha vocação; e por isso vos remetto 50 réis, como prometti.

— Meu caro Santinho. Agradeço-vos o beneficio que me concedestes fazendo que o meu filho ficasse approved no seu exame, remetto 200 réis para os vossos pobres e peço que me perdoeis a demora em cumprir a promessa.

— Glorioso Santo Antonio. Eu vos agradeço a approvação que obtive no meu exame d'instrução primaria. Aceitae a pequenina offerta que aqui vos envio para o pão dos vossos pobres, e não desampareis nunca o vosso humilde servo.

Ha ainda outras cartas de agradecimento por se ter encontrado objectos perdidos, e varios beneficios espirituaes e temporaes alcançados pelo mesmo bemdito Santo.

Rogamos a todos os associados e leitores que rezem por todas as nossas intenções e pelo despacho das petições que se acham no cofre respectivo.

Centro Parochial na freguezia das Mercês —

Escreve-nos o rev.º director local em data de 2 do corrente, dando-nos conta dos progressos da obra n'aquella egreja

Da sua carta publicamos as seguintes linhas:

«Grande tem sido o meu silencio! E' já tempo de dar a V. algumas informações d'este centro parochial da Pia União. Desejo muito dar informações mensaes. Foi-me porém, impossivel cumprir até agora este meu desejo, visto ter estado fóra de Lisboa, por motivos de saude. Agora que, graças a Nosso Senhor, me acho bom, espero ser mais cuidadoso não só em dar informações a V. mas também em promover o augmento da Pia União. As esmolas para o pão de Santo Antonio teem sido muitas, graças a Nosso Senhor».

«Desde a minha ultima carta, 21 de Junho, até hoje attingiram a somma de 17\$170 réis.

Apesar da minha ausencia fez-se sempre todas as terças-feiras a distribuição do Pão a 26 pobres, precedidas de missa rezada e practica pelo muito Rev. Dr. Rodrigues Lima, dignissimo Prior d'esta freguezia».

«No dia 23 do corrente terei a satisfação de celebrar uma festa solemne em honra do nosso Santo. Será precedida de trezena rezada.»

Do mesmo zeloso Cooperador recebemos uma lista de 301 nomes para a Pia União.

Das muitas cartas encontradas na caixa respectiva publicamos a seguinte:

— Meu querido S. Antonio. Em cumprimento da promessa que vos fiz, venho dar-vos os 500 rs. por me terdes alcançado a graça pedida. Muito grata e obrigada vos sou, meu querido Santo.

PORTO

Foi estabelecido na egreja do Sagrado Coração de Jesus, em Villar, na cidade do Porto, o Pão de S. Antonio, no dia 13 de Junho, festa do Santo.

Houve missa cantada e sermão pelo Director, Revd.º P.º Antonio Bernardo da Silva, que, fazendo a apologia do grande Thaumaturgo portuguez, mostrou a sua caridade para com os pobresinhos e os beneficos effeitos que na sociedade d'hoje está produzindo a sympathica instituição do Pão de S. Antonio.

No dia 3 d'Agosto distribuiu-se pela primeira vez o pão aos pobres, celebrando missa no altar de S. Antonio o Revd.º Director e prégando o conhecidissimo e captivante orador sagrado Fr. Manoel das Cinco Chagas, que, n'um excellentes discurso, provou exuberantemente que a caridade é o unico remedio do pauperismo, e que só a fraternidade do Evangelho, muito differente do socialismo moderno, pôde curar os males que affligem a sociedade.

Em seguida foi aberto o cofre das esmolas, onde se encontrou a quantia de 28:440 réis, e distribuiram-se 10:000 réis de pão, sendo de meio kilo a parte dada a cada pobre. Durante a distribuição as alunas do Pensionado cantaram o hymno de S. Antonio.

No cofre das cartas encontraram-se 15, sendo 11 petições e 4 agradecimentos de graças obtidas.

Eis algumas:

PETIÇÕES

Miraculoso Padre Santo Antonio, desde hoje 29 de Julho de 1897 em deante não deixarei em minhas orações de vos pedir com toda a força da grande fé que em vós tenho, que vos digneis fazer-me o milagre que nas mesmas orações incessantemente vos pedirei com todo o fervor, pelo

que e quando attendido fôr, me obrigo ao seguinte:

1.º — Dar toda a publicidade possivel ao milagre por vós feito, e com todos os pormenores, com o intuito de chamar á devoção e fé por vós tantos descrentes que infelizmente existem.

2.º — Contribuir durante 12 annos consecutivos com 3\$000 réis mensaes para o Pão de Santo Antonio.

Porto, 29 de Julho de 1897.

— Meu querido S. Antonio, conhecedor do vosso cuidado pelo bem da humanidade, sabendo que estaes sempre prompto a interceder por quem vos pede alguma graça e que nada negaes a vossos devotos, venho peir-vos a cura d'uma pessoa que me é querida.

Peço-vos que allivieis os soffrimentos que tanto a affligem, e se até ao fim d'este mez estiver curada hei-de dar-vos 200 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

Porto, 12 de Julho de 97.

— Meu caro Santo, peço-vos a graça de dar-de saude a uma enferma, se fôr para honra e gloria de Deus e salvação da alma d'ella. Se conseguir essa graça prometto-vos uma offertinha. — *Uma humilde serva.*

GRAÇAS

— Meu querido S. Antonio, venho reconhecido depôr a vossos pés a pequena esmola que vos prometti a troco da grande graça que me concedestes.

A pessoa por quem vos pedi está curada da grande enfermidade que a atormentava; muito vos agradeço e agora não esqueçaes o — *Vosso indigno devoto.*

— Glorioso Patriarcha Santo Antonio, venho reconhecido agradecer-vos a graça de me restituirdes a minha carteira. Razão tinha o vosso Santo Pae, S. Francisco d'Assis, para detestar o dinheiro que em ultima analyse é uma força quasi sempre prejudicial á nossa salvação.

Alcançae-me portanto a graça do completo desprendimento d'estes pedaços de terra, e se alguns me fôrem confiados sejam só para promover a gloria d'Aquelle que encheu completamente o vosso coração n'este valle de miserias e que agora satura todo o vosso ser da mais pura e incomprehensivel felicidade...

Ahi vos mando a percentagem que vos prometti para os vossos pobres.

Vae ainda mais alguma coisinha para me alcançardes a outra graça que vos pedi.

Emquanto por cá andar tereis de supportar muitas vezes as minhas impertinencias, porque sei que com isso não posso chegar a ultrapassar os limites da vossa caridade para com todos os homens, e sobretudo para com os vossos irmãos que somos todos portuguezes.

Assigno-me com vivo affecto — *Vosso inutil e sobretudo ingrato servo.*

PORTO D'AVE

Continúa muito florescente este centro; Santo Antonio vae proporcionando sempre com que soccorrer o seus pobresinhos.

Milagroso Santo Antonio: o favôr que vos pede este vosso devoto é um tanto cheio de importancia e de justiça; por isso, confiando em vosso poder e na força que tendes de mover os corações, espero será deferivel o negocio que desejo.

E para que mais Vos interesseis, offereço-vos 1\$000 réis para o Pão das vossos pobrezinhos.

— Santo Antonio dos milagres, quem não recorrerá a vós em todos os negocios? Eu, a mais indigna das vossas devotas, peço-vos o fervôr nas minhas devoções e a tranquillidade da consciencia; offerecendo-vos para o pão dos vossos pobres 200 réis por tambem ser pobre.

— Se S. Antonio me fizer no mez de agosto este milagre que lhe peço, dou-lhe 40 litros de milho para os seus pobres.

— Glorioso Santo Antonio. Vós, que durante a vida, com a benção saravas os doentes, podeis tambem agora e com mais razão manifestar o vosso poder. Peço-vos que façaes com que minha mãe sare do terrivel mal que a acommetteu e pelo menos que fique com a falla desembaraçada.

Prometto-vos, se fizerdes este milagre, dez tostões para ajuda do pão dos pobresinhos. — *Um devoto.*

D'outras partes recebemos tambem as seguintes cartas de agradecimento:

No dia 8 do corrente perdi 26:100 réis quantia que, de uma forma que eu não posso comprehender, nem humanamente se poderá explicar, appareceu no dia 9, depois de eu prometter que o mais depressa possivel não só satisfaria a minha devida á «Voz de Santo Antonio», como offerecia 1:000 réis para o pão dos pobresinhos.

Seja-me licito suppôr que Santo Antonio é que me armou este laço para eu não ser outra vez des-cuidado. Bem haja elle! — *Torres Novas.*

— Uma senhora de 80 annos esteve em perigo de vida, e uma sua amiga, vendo a falta que ella fazia, recorreu a Santo Antonio que por intercessão do Santissimo Coração de Jesus lhe restituisse a saude, e hoje está completamente boa. Prometteu mandar publicar na «Voz».

BRAZIL

Um assignante da «Voz de Santo Antonio» na cidade do Porto Alegre, o snr. Julio Fonseca, escreve-nos em data de 9 de Agosto:

«Estamos celebrando a Trezena de Santo Antonio, especialmente preparada pelo Rev. Director da obra «O Pão de Santo Antonio». A festa será realisada a 15 do corrente, e será n'essa occasião apresentado um esplendido relatorio da Obra, cujos fructos e progressos são admiraveis.»
«Viva Santo Antonio!»

Esmolas que deram entrada nos cofres do Pão dos Pobres

Braga. — Na primeira quinzena de Agosto: 149:600 réis e mais uma pulseira d'ouro.

Na 2.^a quinzena 156:330 réis, incluindo uma libra em ouro.

Total no mez de Agosto = 305,990

Lisboa — Centro Parochial dos Anjos — No mez d'Agosto 13,000 réis.

Centro Parochial das Mercês — De 21 de Junho a 2 de Setembro 17,170 réis.

Porto — Egreja do S. Coração em Villar — De 13 de Junho a 3 de Agosto 28,440 réis.

Porto d'Ave — Em Agosto: dinheiro 9,120; 10 ovos 100 réis; 65 litros de milho 2,180 réis; 20 de centeio 500 réis; um carneiro 800 réis; um quarto de batatas 100 réis; frangos 1,180 réis. Total 13,990 réis.

Desde a instalação n'esta Egreja, em Julho de 1896, o rendimento foi o seguinte:

| | | |
|---------------------------|--------|------|
| Agosto | 13,925 | réis |
| Setembro | 13,955 | » |
| Outubro | 10,115 | » |
| Novembro | 23,720 | » |
| Dezembro | 21,845 | » |
| Janeiro de 1897 | 9,840 | » |
| Fevereiro | 8,680 | » |
| Março | 8,655 | » |
| Abril | 40,305 | » |
| Maió | 10,365 | » |
| Junho | 10,360 | » |
| Julho | 10,820 | » |

Somma 181,785 »
Despezas até 31 de Julho de 1897 99,050 »

Resta o saldo de 82,735 »

Pão que se deu aos Pobres desde o 1.^o de Novembro de 18:6

| | |
|-------------------------------|-----|
| 1 de Novembro de 96 | 110 |
| Dezembro | 118 |
| Janeiro de 97 | 110 |
| Fevereiro | 110 |
| Março | 100 |
| A ril | 105 |
| Maió | 100 |
| Junho | 100 |
| Julho | 100 |
| Agosto | 105 |

P.^o Joaquim Baptista de Macedo Athayde.

Recommendações

A converção d'uma pessoa que vive apartada dos Sacramentos ha mais de 40 annos.

— Duas instantes necessidades recommendadas por um Director Local da Pia União.

— Uma pessoa que trabalha por emendar-se de certo defeito.

A cura da tuberculose d'uma religiosa que a adquiriu exercendo a caridade.

É bem assim todas as necessidades recommendadas por escripto junto dos altares de S. Antonio.



*Pie Jesu Domine,
Dona eis requiem. Amen.*

OS NOSSOS DEFUNCTOS ¹

P.^o Francisco José Pereira, Dantas Guerreiro, da freguezia de Bico (Paredes de Coura).

Augusto Cesar Rosa, (Portalegre). Ambos eram assignantes da «Voz de Santo Antonio».

Bernardina dos Santos, no Collegio da Regeneração, em Braga. Quando alli entrou, quiz que só a tratassem pelo nome de *Magdalena*, e, conformando as obras com o nome, procurou purificar pela penitencia, as levandades e desvarios da vida passada, concedendo-lhe Nosso Senhor em recompensa, uma morte placida e socegada.

Parecia um Anjo, diz-nos a Irmã que lhe assistiu. Pertencia á V. Ordem Terceira.

Bernardo J. Pereira Franqueira, (Braga), um honrado artista, e pae d'um religioso da 1.^a Ordem. Tambem era Irmão da Veneravel Ordem Terceira.

P.^o Manuel Gonçalves Couto, da freguezia de Tellões (Villa Pouca d'Aguiar). Missionario zeloso, sacerdote exemplarissimo, e auctor da *Missão Abreviada*.

Toda a provincia de Traz-os-Montes o conhecia pelos grandes beneficios de que se lhe confessa devotora.

R. I. P.

Secção Scientifica-litteraria

O HOMEM

(Continuação do n.^o 8)

ANTHROPOLOGIA

CAPITULO II

Sua origem e fim segundo a philosophia

C) APOLOGETICA



NOS facil completar os dados philosophicos que havemos apresentado sobre o homem, propondo algumas theses apologeticas relativas á sua origem, historia e fim ultimo:

¹ Teem direito a ser aqui lembrados os membros da Pia União, Assignantes da «Voz de Santo Antonio», ou Irmãos da Veneravel Ordem Terceira. Porisso rogamos ás pessoas das relações dos interessados que, quando estes fallecerem, se dignem participal-o ao P.^o Director da Pia União ou da «Voz de Santo Antonio», afim de que sejam recommendados ás orações dos nossos leitores e amigos.

«A origem natural do homem, ou a sua descendencia animal, pertencem ao mundo *indivisivel* dos seres vivos. O que é o mesmo que dizer que o desenvolvimento da vida, a série inteira dos seres organicos formam uma escala chromatica desde o mais infimo até ao homem. E' isto o que se affirma em nome da *physiologia* e da *psychologia*».

Tal doutrina é o monismo anthropologico, a doutrina evolucionista e materialista sobre as origens da humanidade.

A este dogma fundamental da evolução monistica, applicada ao homem, oppomos, em nome do senso commum, a doutrina seguinte:

Existe entre o homem e o bruto, uma differença essencial, uma differença natural. Só a criação, e não a evolução, póde explicar a passagem do nada para o ser, do ser inorganico para a vida, da vida animal para a razão e a liberdade. Os caracteres que estabelecem estas differenças acham-se divididos em dois grupos: caracteres *physicos*, determinados pela *physiologia* e pela anatomia comparada, e caracteres *psychicos*, isto é, *intellectuaes* e *moraes*. Os caracteres *physicos* reduzem-se a tres:

1.º Perfeição dos *systemas nervoso* e cerebral, *estructura* e massa do *encephalo*, instrumento do pensamento; configuração e *estructura* da cabeça.

2.º A mão, symbolo da acção, *manu fortis*.

3.º Fraqueza do corpo humano, insufficiencia de órgãos *offensivos* e *defensivos* de que está provido: *systema dentario*, nudez da pelle, *nudus in nuda homo*, inferioridade do instinto, etc..

O conjuncto d'estes caracteres *distinctivos*, considerados em si mesmo, servem, quando muito, aos olhos de certos *naturalistas*, para constituir uma *familia*, a primeira na ordem dos *Primates*.

Não é isto que nós queremos. A Biblia, quando falla da imagem de Deus, não allude á parte *material* e *decomponivel* do homem, mas á sua parte *espiritual*, dotada d'*immortalidade*.

Duas facultades *primordiales*, *irreductivels*, a *razão* e a *liberdade*, constituem entre o homem e o animal, uma differença essencial, um abysmo que não pódem prehencher a transformação nem a evolução *progressiva*.

Estabelecemos, em primeiro lugar, que

todo o *phenomeno* exige uma causa proporcionada: a natureza do *phenomeno* revela *infallivelmente* a natureza da força que o produz. Convem distinguir, depois, a *intelligencia* e a *razão*.

A *intelligencia* é, em geral, a facultade de conhecer, e, em particular, o conhecimento *reflexo*, auxiliado pelo conhecimento *sensivel*.

A razão é o poder de *abstrair*, de *generalisar*, d'*inventar*. A razão é um elemento, uma condição essencial da *liberdade*, da *espiritualidade*, da *immortalidade*.

A segunda facultade igualmente *irreductivel* é a *liberdade*. «Do principio de *reflexão* que opéra em nós, diz Bossuet, nasce um principio novo, a *liberdade*. No homem como no animal a que se attribue uma certa *intelligencia*, o *instincto*, toda a *impressão* recebida pelos órgãos *transmitte-se* ao *cerebro* e provoca uma acção *reflexa*».

Só o homem, dotado de *vontade livre*, tem o poder de *interromper*, de *modificar* a *transmissão reflexa* d'um movimento *sensorial*. Não está sujeito, como o animal, á acção *physiologica* e *fatal*.

Estas duas facultades *alte-dominadoras*, *fundamentaes*, *caracteristicas* da alma humana, tornam-se mais *salientes* ainda, por um conjuncto de *phenomenos* e de *facultades secundarias*: a *linguagem convencional*, a *mimica*, a *palavra*, a *escriptura*, a *invenção*, o *progresso*, a *perfectibilidade*.

A *linguagem* dos animaes é puramente *emocional*, *invariavel*. A *linguagem* do homem é *racional*, exprime a *sensação*, o *sentimento*, o *pensamento*, e é *perfectivel*.

Na serie das *variações* que apresenta a *historia* das *linguas humanas*, a epocha mais antiga é a das *palavras radicaes*, que são a *expressão* dos *conceitos*. Segue-se a *aglutinação* das *raizes* mais ou menos *intactas* ou *alteradas*, as *flexões*, que servem para *exprimir* as *variações* das *cousas* ou das *acções*. A *palavra*, na sua origem, não é mais que a *expressão* da *razão*.

«Duas causas dão origem ás *invenções*, diz Bossuet: 1.º a *reflexão*, 2.º a *nossa liberdade*. E' da natureza da *reflexão* *elevarem-se* umas sobre outras, de sorte que se póde *reflectir*, de *reflexão* em *reflexão*, até ao *infinito*. O homem, pelo poder *reflector*, formou *planos*, procurou *materiaes* para a *execução*... fabricou *instrumentos* e *armas*... mudou a *face da terra*... Após mil

annos d'observação, o espirito humano não se exauriu; investiga e descobre sempre, afim de conhecer que póde investigar até ao infinito».

Erram fatalmente aquelles que, pretendendo conceder aos brutos o raciocinio julgam poder encerrar-o dentro de estreitos limites. *A inercia do instincto*, isto é, a extrema estupidez a par da rara habilidade não lhes permite *afastar-se da linha recta*. Emquanto o animal segue esta direcção traçada de antemão, faz prodigios de habilidade; apenas se desvia d'ella só faz prodigios de estupidez. Os animaes que mais bellas obras fazem, diz Bossuet, são os que parecem ter menos espirito.

E' a ostra que faz a perola. . .

Diz Buffon: «Se o homem se examinar, analysar e aprofundar, encontrará facilmente toda a belleza do seu ser, apalpará a existencia da sua alma e deixará de se aviltar a si mesmo; medirá n'um simples volver d'olhos a distancia infinita que o Ser Supremo collocou entre elle e o irracional». Ficam, pois, definidas assim a origem do homem e a sua natureza. E' uma creatura immediata de Deus; é composto de um corpo e d'uma alma espiritual; é materia e espirito.

O homem occupa um logar distincto no mundo divisivel dos seres vivos, porque só elle é racional e livre, pensa, falla, inventa, só elle conhece a essencia das cousas. E' um ser á parte.

E agora, em que condições appareceu o homem no globo? Qual éra, antes da historia, o estado primitivo da humanidade?

Que podemos nós crer ácerca da sua antiguidade?



Diz-nos a Revelação que o primeiro homem e a primeira mulher foram creados n'um estado extranatural, isto é, com privilegios superiores ás exigencias da sua natureza.

Depois da culpa, o homem baixou d'es-

te nivel superior á condição ordinaria dos viventes; entrou no direito commum da animalidade: nascer, crescer, declinar, soffrer, morrer.

As conclusões da sciencia concordam.

condições em que este primeiro par appareceu sobre a terra, a sciencia cala-se. Todavia parece que das vastas indagações prehistoricas se deduz esta certeza scientifica: a existencia d'uma grande lei universal de

desenvolvimento progressivo da civilização humana desde o instrumento de pedra até aos metaes, até ao tempo em que a historia começa.

A Biblia proclama, ha muitos seculos, uma synthese prehistorica em perfeita harmonia com as syntheses da sciencia, entre os dois pontos extremos da criação e da redempção.

A era quaternaria é verdadeiramente a era humana. Foi a sciencia quem o demonstrou.

Por conseguinte, a questão da antiguidade do homem está intimamente ligada á questão geologica, á antiguidade das formações quaternarias. A'cerca d'esta antiguidade a fé não diz nada. A idade da humanidade nunca foi objecto d'uma prescrição formal. Da mesma sorte que as antigas pretensões biblicas niamamente apertadas nunca foram objecto da fé, assim as pretensões immoderadas dos primeiros momentos nunca pertenceram á sciencia.

Após as investigações feitas em nome da sciencia prehistorica, chegou a este bi-

zarro dilemma: ou admittimos o homem terciario, isto é, uma antiguidade immensa, ou hemos de admittir o precursor do homem, isto é, a descendencia animal, as origens naturaes da humanidade.

com as doutrinas da fé relativas á existencia d'um primeiro homem, verdadeiramente homem, d'um primeiro par verdadeiramente humano.

Mas quando setra ta de determinar as



O PATRIARCHA S. FRANCISCO D'ASSIS

Nem um nem outro: é a resposta da sciencia positiva.

A Philosophia tradicional distingue duas especies de provas da immortalidade da alma: provas intrinsecas, fundadas na natureza da substancia espirital e de suas operações, e provas extrinsecas.

O aniquilamento da alma racional e livre, e por conseguinte responsavel, repugna á sabedoria, á bondade, á justiça de Deus. O corpo forma-se successivamente de elementos multiplos e dissimilhanes, é um aggregado; constitue um modo de ser puramente accidental, temporario. A alma, pelo contrario, não é nem póde ser senão o producto immediato d'uma criação; nunca foi, nem poderá ser outra cousa que *eu*; é uma, simples, indecomponivel, espirital, cousa substancial sempre identica a si mesma. O corpo só tem uma individualidade natural; é passivo e não se possui a si mesmo. A alma constitue um ser pessoal, responsavel, que se possui, que se determina a si mesmo, tendo uma individualidade explicita e absoluta; a perpetuidade individual é da sua essencia: é, portanto, immortal. Leibnitz tinha razão de dizer: «o homem é naturalmente immortal».

A vida do corpo é uma lucta incessante contra as leis physicas e chimicas: a morte ou a decomposição do organismo corporal é um facto tão natural como a vida. Mas na alma diz-se exactamente o contrario. E' a vida que constitue a sua natureza, e a morte seria um prodigio inexplicavel.

A morte da alma não póde conceber-se senão pelo aniquilamento; ora, o aniquilamento d'uma substancia é um facto sobrenatural. Portanto, a morte da alma, substancia real e pessoal, não póde ser, em caso algum, a consequencia da morte natural do corpo.

Não, a alma não morre com o corpo.

Massillon demonstrou-o pelo absurdo: «Se a alma do homem não sobrevive ao corpo, téem de seguir-se necessariamente consequencias immoraes, absurdas, impossiveis; portanto a alma não acaba com o corpo». O quadro desenhado pelo celebre orador, apoiado n'este raciocinio, é uma obra natural, tanto como conceito, quanto como exposição.

A demonstração da vida futura está toda n'este syllogismo: a continuação das cou-

sas, scientificamente demonstrada impossivel no universo actual que deve necessariamente acabar, exige um universo invisivel que lhe succeda; portanto, o principio fundamental da sciencia moderna exige e prova a existencia de um universo invisivel, d'uma vida futura que seja a continuação da vida actual do homem.

Resumindo: a alma existe, pensa, é livre, portanto é immortal.

Quando a vida, o pensamento, a liberdade se acham reunidos n'uma mesm substancia pessoal, esta substancia não poderia ser aniquilada: a personalidade, e responsabilidade, constituem uma dupla garantia suprema em nome da razão e da justiça eterna. O destino do homem é morrer para viver e não esphacelar-se para se converter no nada. Somos almas, somos immortaes. Viemos de Deus, voltamos para Deus. «E' n'Elle que temos a vida, o movimento, o ser, dizia S. Paulo, fallando no Areopago; e como alguns dos nossos poetas disseram, somos da raça de Deus».

(Continúa).

VIAGEM CELESTE

(A's Irmãs hospitaleiras franciscanas)

*Pois que é seculo de luzes
E tudo corre veloz,
Vem, minha Irmã, não te excuses,
A caminho, também nós...
Chove progresso no mundo!
Hoje o saber é profundo!
Não sentes esse rumor?
Não vês essa lida activa?
Lá passa a locomotiva,
Lá vae o mundo a vapor!*

*Pois também nós, pobresinhas,
Também iremos saber,
Também nossas viasinhas
Onde saibamos correr.
Elles — passam, como o vento,
Com olhos e pensamento
Na terra, que Deus lhes deu;
Nós já melhor inspiradas,
Vista e alma levantadas,
A' nossa origem, ao Ceu!*

*Vamos pois, que já contemplo
D'aqui a nossa Estação;
Entremos, Irmã, no Templo...
Eis um bilhete — Oração...
Agora, antes da partida,
O bulete nos convida
Com variedade sem par...
Basta-nos pão e agua pura;
Faz viagem mais segura
Quem menos se regalar.*

*Eis o signal: toca o sino.
Vamos, vamos; todos vão...
Entremos no Amor divino...
Lê na porta — Privação.
Oh! como iremos seguras!
E depressa! Que venturas!
Ao cabo da linha, além!*

*Que linda locomotiva!
Basta-lhe o nome — Fê viva.
Que força! que força tem!*

*Tenhamos nós a sciencia
De inda augmentar-lhe o calor,
Juntemos-lhe a penitencia,
A caridade, o amor.
Tu verás que sem paragem,
Sem estorvos na viagem,
Correndo, voando, assim,
Alegres e satisfeitas,
Iremos sempre direitas,
Sempre direitas ao fim.*

*E eil-o... que já se avista!
Vê, repara, minha irmã:
D'aquella nuvem na crista,
Lá vem raiando a manhã!...
Oh! Força á machina, agora,
Não nos escapem n'esta hora
Não nos escapem os Ceus...
Ai! Não... Não! Que o sol já brilha.
Que assombro! Que maravilha!
Emfim chegamos, meu Deus!*

JOÃO DE LEMOS.

BIBLIOGRAPHIA

Flores Salvificantes de Maio — Bilhetes em sortes para serem distribuidas no Mez de Maria — Porto, Livraria Catholica Portuense, de Aloysio Gomes da Silva, 53 Largo dos Loyos, 54.

É uma collecção de devotas folhinhas em numero igual aos dias do mez, em cada uma das quaes ha uma breve e piedosa meditação sobre os mysterios ou verdades da nossa santa religião, com uma jaculatoria e oração.

Relatorio e Contas da Commissão de melhoramentos no monte de Nossa Senhora do Carmo da Penha, durante o anno de 1896-1897 — Pelo presente Relatorio se depreheende o entusiasmo que reina entre o povo vimaranense para com a Virgem da Penha. São muitos os subscriptores que durante o anno de 96-97 concorreram com sua esmola mais ou menos avultada para as despezas que a illustre Commissão tenciona fazer com os melhoramentos do pittoresco monte.

Agradecemos a delicadeza da offerta.

A Seraphina do Carmelo — Nova edição, correcta e augmentada sobre a de 1882 — Livraria Catholica portuense de Aloysio Gomes da Silva, 53 Largo dos Loyos, 54 — Porto.

Tem sido festejada pela imprensa catholica a reedição da *Seraphina do Carmelo* que ao snr. Conde de Samodães grangeou lisongiços applausos e credits litterarios, quando com ella concorreu ao certamen litterario aberto em Salamanca ao celebrar-se o terceiro centenario da Santa em 1882, merecendo-lhe diploma de honra.

Em Portugal como lá fóra foi mui apreciado o trabalho do illustre titular, chegando em curto espaço a esgotar-se a primeira edição.

Este bello livro, apesar de não ter aquella actualidade que tinha ha 15 annos quando viu a luz da publicidade e se celebrava o terceiro centenario da grande Doutora e Heroína S. Thereza, nem porisso deixa de vir opportunamente reaparecer entre nós onde é tão sensível a falta de boa e proficua leitura. E demais, actualidade sempre tem um livro, que, como este, se consagra á glorificação d'uma das maiores glorias que fulgiram em Hespanha no seculo XVI.

A todos recommendamos a leitura attrahente d'esta bella obra instructiva e moralisadora.

Relatorio Annual — Recebemos e agradecemos o relatorio que nos offereceu o zeloso Director do acreditado Collegio do Espirito Santo. No passado numero da «Voz» já nos referimos ao mais que lisongiço resultado obtido nos exames do corrente anno.

— Tambem recebemos e muito agrade emos um rigoroso appello dirigido *A Imprensa Portugueza* pelo nosso distincto collega portuense *A Educaçáo Nacional*, no intuito de conseguir que em Janeiro futuro seja celebrado um Congresso, afim de tratar da questão do ensino e estudar as medidas mais opportunas para que em Portugal se lhe preste a devida attenção e cuidado.

A causa não póde ser mais justa, nem mais digna de que lhe consagremos todos os nossos esforços.

—Igualmente agradecemos o exemplar que nos foi enviado do protesto assignado por grande numero de jornalistas de Lisboa e Porto, o qual a Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras, do Porto, dirige ao paiz contra as propostas da lei da imprensa.

As nossas illustrações

O Angelico S. Luiz de Tolosa, Protector da juventude — Muito desejámos que o nosso numero passado fosse illustrado com a imagem do angelical S. Luiz de Tolosa: não nos foi porém possivel. Fazemol-o hoje, pagando assim esta divida de amor e respeito ao illustre Filho de S. Francisco. Leia-se o nosso artigo de fundo do numero passado, e veja-se tambem no presente o artigo correspondente.

*

A Piscina de Silo — Tal era o nome da fonte aberta pelos judeus no Monte Sião, em Jerusalem. Junto d'esta fonte havia um grande tanque, a cujas aguas Jesus enviou a lavar-se o cego de nascimento, depois de lhe haver posto sobre os olhos um pouco de lôdo feito com a sua propria saliva.

Os mahometanos ainda hoje teem summa veneração a esta fonte, e ás suas aguas attribuem a virtude de curar de muitas enfermidades.

*

Collegio de Nossa Senhora da Piedade — Representa um grupo de meninas educandas do Collegio de Nossa Senhora da Piedade em Nova Gôa, India Portugueza. A sua fundação deve-se ao muito zelo do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de Gôa, D. Antonio Sebastião Valente. Aquelle sabio e zeloso Prelado, a par dos muitos e valiosos serviços que tem prestado á vetusta e mui-

to nobre Archidiocése de Gôa, quiz fazer-lhe mais este — confiar a educação das meninas do seu arcebispado a senhoras em quem, junto com a necessaria instrucção, resplandecesse o zelo pelo bem do proximo e o espirito de sacrificio, que nem d'outra sorte se poderiam obter resultados praticos nas longinquas e mortíferas paragens da Índia Portugueza.

Ninguem mais de molde para tão sublime apostolado que as Irmãs Hospitaleiras Portuguezas, que, á imitação do Seraphico Pae, voltam as costas aos attractivos que o mundo lhes offerece para só seguirem a Jesus Crucificado.

Lá se encontram pois, quaes anjos de paz, annunciando aos pequeninos corações a boa nova, affeioando-os com palavras e exemplos á virtude e guiando-os pela senda do céo.

As boas Irmãs Hospitaleiras téem mostrado que são verdadeiras Irmãs da Caridade, e amantes apaixonadas da cruz, do soffrimento, do trabalho e do espirito de sacrificio, como o evidenciaram ainda ha pouco, na guerra que teve de sustentar Portugal com os revoltosos d'aquellas paragens. Foi o hospital militar confiado á caritativa direcção das Irmãs Hospitaleiras, e tão bem se houveram que mereceram os mais rasgados elogios do Ex.^{mo} Governador, o Sr. Raphael d'Andrade, testemunho tanto mais valioso quanto é certo que aquelle senhor não é nenhum *carola*, como por ahí se diz.

Os soldados que aos desvelos e cuidados das Irmãs do Collegio de Nossa Senhora da Piedade devem a saude, e muitos até a vida, não regateiam louvores a quem com tanta caridade os soccorreu tão longe da patria, sem a esperanza n'outros proventos que a da consolação de cumprirmo o seu dever.

E ahí está o que fazem e para que vivem as Irmãs Hospitaleiras, tantas vezes e por tantos modos affligidas com vis calumnias, por parte dos inimigos do bem e da virtude, por quem ellas no silencio de suas casas oram, e a quem do coração perdoam, á similhaça do seu divino Modelo.

São dignas, portanto, do respeito e da gratidão da patria, e das graças e benções do céo.

*

O Seraphico Patriarcha S. Francisco d'Assis — A 17 de setembro commemora-se em toda a Egreja a festa da *Impressão das Chagas de S. Francisco*, e a 4 de outubro solemnisase tambem a memoria do Grande Patriarcha. E' para commemorar estas datas que publicamos a nossa gravura. Veja-se o artigo de fundo do presente numero.



ROMA

Beatificação — Começou já o processo para a beatificação da Veneravel Julia Francisca Catalina, da diocese de Contances, França, fundadora das escolas christãs da Misericordia.

Collegios da Companhia — São uma verdadeira praga estes filhos de S. Ignacio. Apoderam-se da educação da juventude mesmo nos paizes protestantes. Se não vejamos quantos alumnos não teem n'essas partes.

E' tirado da ultima estatistica.

Na Inglaterra e colonias 9:704. Na Dinamarca e Hollanda 3:810, alem d'outros paizes, sommando 20:488 alumnos!

Missões — Todos os annos a Ordem de S. Francisco envia muitos de seus filhos a prégar o Evangelho entre os infieis.

No anno passado partiram para a Terra Santa 21 religiosos; para a prefeitura apostolica de Tripoli 2; para o Egypto superior 2; para as missões da America 14. Partiram tambem 47 capuchinos para as missões de varios paizes.

Commissão importante — Em vista da attitude bastante perigosa dos democratas christãos na Belgica, o Santo Padre nomeou uma commissão de Cordeaes para estudar todas as informações que cheguem ao Vaticano sobre a indicada escola que se póde considerar uma seita. Esta commissão foi tambem encarregada de dizer o parecer da Egreja sobre a divergencia de ideias com respeito á questão social, que ameaça tornar-se um scisma.

A Confirmação antes da Communhão — Leão XIII acaba de dirigir ao Bispo de Marselha uma carta felicitando-o por haver restabelecido na sua diocese o uso de receber a Confirmação antes da primeira Communhão. Antes da Revolução era este louvavel costume da Egreja guardado em todas as dioceses da França.

Obras condemnadas — A Congregação do *Indix* condemnou a *Historia de França para o uso dos lyceus e collegios*, de Aulard e Dehidour.

O primeiro é professor de historia da revolução, collocado na Sorbonna em recompensa da per-

seguição que tem sabido mover á Igreja; o segundo é um desgraçado materialista.

Novo Consistorio — Assegura-se que a epocha fixada para o proximo consistorio é o outono. Será imposto o barrete aos cardeaes ultimamente creados, os arcebispos de Rennes, de Ronen, de Lyon e de Santiago.

Proceder-se-ha depois á creação de quatro novos cardeaes.

Ha actualmente oito barretes cardinalicios vagos no Sacro Collegio.

PORTUGAL

Imposto do Sêllo — Até que emfim a respectiva commissão approvou o projecto de lei alterando algumas verbas das leis do imposto do sêllo e annullando outras. Embora a emenda não deva satisfazer plenamente os catholicos, é certo que a tal lei é agora muito menos pesada.

A dispensa d'um pregão fica custando 2\$000 reis; de tres 6\$000 reis. Licença para casamento com fiança a banhos 8\$000 reis. Licença para casamento ou baptisado em capella particular, embora tenha porta para a rua, 20\$000 reis; dita para capella publica ou igreja que não seja a parochial, 9\$000 reis. Licença para confessar 200 reis; sendo por mais d'um anno 500 reis. Para celebrar, confessar e prégar, ou só prégar 500. Carta de encomendado ou coadjutor 300 reis. Carta de Sacristão 200 reis. Licença para festividade religiosa em igreja parochial ou fóra d'ella ou cyrio 200 reis. Outros diplomas 500 reis.

Bulla para oratorio 100\$000 reis. Breve de illegitimidade a beneficio 20\$000 reis.

Assento de casamento, nascimento ou baptismo 100 reis. Perfilhação feita por um ou ambos os paes em escriptura, testamento publico, ou auto publico, cada perfilhado 500 reis. No livro de baptismo 100 reis. Pobres ou operarios cujo jornal não exceda a 400 reis não pagam este imposto.

Novo Couraçado — Levados por impulso de patriotismo, um grupo de portuguezes residentes no Brazil abriram uma subscrição no Rio de Janeiro para a compra d'um couraçado que será offerecido á patria como recordação da descoberta da India.

E' altamente louvavel o procedimento d'esses nossos irmãos. A nossa marinha carece de vasos de guerra que nos tornem uma das primeiras potencias maritimas, como já fomos e ainda podemos vir a ser.

Com a aquisição do *Adamastor*, que é incontestavelmente um cruzador excellente, digno de se mencionar entre os de primeira ordem, muito lucrarmos já.

O *Correio Nacional* — Apresenta ao alvitro de cada uma das nossas provincias fazer um sacrificio para bem da Patria, offertando cada uma d'ellas um navio de guerra ao estado. Accertado. Embora seja bem critica a situação em que nos achamos, quer-nos parecer que alguma coisa se poderia fazer n'esse sentido.

Descanço Dominical — A camara municipal do Funchal acaba de tomar uma medida bem acertada, e que merece os nossos elogios.

O Snr. Bispo da diocese havia derigido um Officio á mesma camara contra a profanação do Domingo e dias santificados. Attendendo as suas reclamações e usando da facultade que lhe confere o codigo administrativo, esta prohibiu a todos os individuos que se occupam nas varias profissões e misteres similhantes abusos.

São exceptuados d'esta medida os pharmaceuticos, os donos de padarias e casas de pasto, os lavradores que tiverem de regar e trazer fructos á cidade, os donos de fancarias, tabernas, açougues, botequins e lojas de barbeiros, os quaes poderão estar abertos até ás 11 horas da manhã, mas d'essa hora em diante só poderão ter meia porta aberta.

Em qualquer caso de urgencia só se poderá trabalhar com previa licença da auctoridade administrativa, sob pena de multa.

«*A Nação*» — Este nosso prezado collega entrou no 61.º anno da sua fuudação. Fazemos tambem nossas as felicitações do «*Correio Nacional*» :

«Felicitemos o nosso prezado collega pela sua longa e honrosa carreira de fidelidade ao credo religioso, e aos seus principios politicos, durante a qual tem grangeado o respeito e a consideração de amigos e adversarios.

«Catholicos, portuguezes e homens de bem, essa tem sido a pleiade de escriptores distinctos que tem collaborado na «*Nação*» e d'isso se ufanam os seus actuaes redactores.

Nomes como os de João de Lemos, Gomes de Abreu, Silva Bruschy, D. Sancho de Vilhena, Lucas Castello, Fernando Pedroso, Xavier da Silva, cujos retratos a «*Nação*» publica, impõem-se ao respeito de todos.

Ad multos annos.

Festas em hora de S. Luiz de Tolosa

— No convento de S. Bernardino, não longe de Peniche, realisou-se no dia 19 do corrente uma luzida festa para commemorar o 6.º centenario do glorioso e angelicó protector da familia Pecci, S. Luiz d'Anjou, bispo de Tolosa, anjo totelar da juventude.

A festa, devidamente precedida de novena, começou ás 8 horas, sendo celebrante o Rev.º Padre Provincial da Ordem Seraphica, director d'esta revista.

Pela vez primeira receberam o pão eucharístico 124 creanças. Commungaram tambem mais de 500 pessoas adultas, em honra do Santo.

Em preparação para a communhão das creanças fez uma pratica devéras commovente até ás lagrimas o Rev.º Fr. José da Mãe de Deus, Guardião de Valojo.

De tarde houve tambem procissão. Os meninos levaram o andor de S. Francisco, os alumnos do collegio o de S. Luiz de Tolosa, e os homens o de Nossa Senhora.

Iam incorporados as creanças da primeira communhão, Collegio Saraphico e a Comunidade, seguindo-se o Padre Provincial, debaixo do pallio, conduzindo uma reliquia do Santo.

A musica de Peniche, que acompanhou a procissão, agradou muitissimo.

— Em Varatojo festejou-se tambem o centenario do Santo com todo o esplendor devido em grande parte ao zelo incançavel do Rev.º P. Luiz.

Sua Eminencia, o Snr. Cardeal Patriarcha, dignou-se abrilhantar a festa com a sua presença. Elle

mesmo prêgou e distribuiu a primeira communhão ás creanças.

Ao Sameiro em Braga — Realisou-se no dia 29 do mez d'agosto uma imponente peregrinação ao sanctuario da Virgem do Sameiro.

Na igreja do Populo, d'onde partiu, houve missa e communhão. No Sameiro prêgou o Rev.º P. Luiz Gomes da Silva, seguindo-se a missa campal e procissão em volta do templo.

Peregrinação á Penha em Guimarães

— Os grandes festejos que os vimezanenses promovem todos os annos á Senhora do Carmo da Penha, revestiram este anno um caracter desusado, o que acontecerá tambem nos dois annos seguintes, visto estes tres annos serem preparação para o Centenario da Redempção.

Houve triduo solemne, nos dias 5, 6 e 7. A concorrência de povo aos actos religiosos, aos sermões e confissões foi na verdade além da expectativa.

Nos dois ultimos dias do triduo presidiu sempre o Rev.º D. Prior Dr. Manoel d'Albuquerque. Em todo o triduo houve solemne Exposição do Santissimo e benção.

No dia realisou-se a grande peregrinação que sahiu do templo de S. Francisco.

Encorporaram-se no prestito as associações do S. Coração de Jesus das freguezias visinhas acompanhadas dos respectivos presidentes e com a competente bandeira á frente, as filhas de Maria e varias outras associações, um numeroso clero e grande numero de fieis.

Era deveras imponente e commovedor ver tanto povo trepar aquella montanha entoando canticos á Virgem.

As tres musicas que iam na procissão tocavam de vez em quando.

No cimo da montanha houve missa campal junto á gruta da Virgem de Lourdes, sermão pelo bem conhecido e popular franciscano Padre Fr. Manoel das Chagas, seguindo-se a benção papal.

Depois dirigiu-se quem pôde para a sacristia da nova igreja que está em construção. Fôra esta transformada em capella por essa occasião. Realisou-se a benção do altar pelo Ex.º D. Prior com assistencia, e no meio de geral regosijo. Tem-se mostrado realmente incançavel em levar a cabo esta obra tão importante o abastado capitalista Sr. Magalhães. Deus e a Virgem lhe dêem forças para vêr ccroados os seus esforços.

Calcula-se em 50:000 as pessoas que subiram no dia 8 á montanha da Penha.

Bem haja o povo de Guimarães, affirmando d'uma maneira tão brilhante os seus bons sentimentos de catholicos, de que se prezam.

HESPANHA

O ministro da fazenda excommungado — A attitudo energica empregada pelo illustre Prelado de Palma de Mallorca por causa do sequestro dos bens da sua diocese é assumpto preciso de todos os centros politicos.

A igreja de Hespanha ha já bastante tempo que vae sendo esbulhada de seus bens. O Snr. Bispo de Palma, não podendo supportar tantas violencias na sua diocese, empregou todos os meios para obstar á continuação de similhante escandalo. A tudo se fez surdo o ministro da fazenda Navarro Reverter.

Uma força da guarda civil e carabineiros, apresentou-se por sua ordem nos dias 9 a 13 no sanctuario de Luch para tomar conta dos seus bens.

O Bispo publicou uma circular excommungando o ministro. Este facto tem sido objecto de numerosos commentarios. As auctoridades de Palma resolveram acatar a circular que foi reproduzida em todos os jornaes.

O telegrapho não tardou em annunciar ao governo de Madrid um successo cujas consequencias desastrosas não são facéis de prever.

Ascarraga, presidente do conselho de ministros, mal houve noticia do acontecido, mandou chamar ao seu gabinete os ministros da fazenda e da justiça, e occupou-se da redacção d'uma mensagem a Leão XIII, pedindo a Sua Santidade levante a excommunhão ao ministro.

Ao mesmo tempo recorreu ao espirito conciliador do Cardeal Arcebispo de Valencia a ver se é possivel tirar bom partido da situação.

Toda a imprensa se occupa agora d'este momentoso acontecimento. O *Correo Hespañol* affirma que n'um paiz catholico como a Hespanha um excommungado não poderá occupar as cadeiras do poder.

O *Heraldo de las Baleares*, o *Diario Conservador* e outros jornaes de Palma que publicaram a circular, foram todos chamados aos tribunaes. As auctoridades querelaram da circular do Bispo e foram apreendidos todos os exemplares encontrados. A circular fôra já lida em todas as igrejas á hora da missa conventual, o que produziu enorme sensação.

Têm sido immensas as adhesões ao procedimento do Bispo. O clero parochial, commissões das ordens religiosas, associações seculares, grande numero de particulares de todas as classes, têm ido manifestar ao Prelado a mais viva satisfação pela energia com que procedeu.

O cabido da cathedral foi em corporação ao palacio do Bispo manifestar-lhe que estava incondicionalmente ao seu dispôr. Muitos bispos do continente adheriram tambem.

ECHO DAS MISSÕES

SUMMARY: *Uma distincção — Bispo de Macau — Progreso do Catholicismo nos Paizes Baixos — Os dissidentes — Inglaterra — Equador — Congresso de Colombia — Digno de applauso — Na China.*

Uma distincção — S. Ex.ª Rev.ª o Snr. D. Antonio Sebastião Valente, illustre Arcebispo Primaz de Gôa e Patriarcha das Indias, vae ser agraciado pelo Governo portuguez com a gran-cruz de Christo.

E' bem merecida a distincção. Por ella damos os parabens ao illustre agraciado, associando-nos aos justos elogios que por esta occasião toda a imprensa portugueza tem feito ao digno Prelado.

Bispo de Macau — No dia 29 de Agosto foi sagrado em Lisboa, na igreja de S. Nicoláu, o novo Bispo de Macáu, D. José Manoel de Carvalho.

Foi sagrante o Sr. Bispo de Vizen, assistindo os Srs. Arcebispo-Bispo de Portalegre, Arcebispo de Mytilene e Bispo de Meliapor.

Estavam tambem presentes muitas outras pessoas de distincção, entre as quaes os Sr. Jacintho Candido e Barros Gomes, que, ao *Lavabo*, foram convidados para pegarem ás toalhas.

Progresso do catholicismo nos Paizes Baixos — Lêmos nos «Annaes da Propagação da Fé»: «Os Paizes Baixos contam 4.860.800 habitantes dos quaes 60 por 100 protestantes, 36 por 100 catholicos, 2 por 100 jansenistas e 2 por 100 judeus».

«As provincias de Limburgo, do Brabante septentrional, de Gueldre meridional são inteiramente protestantes e as outras são mixtas; 71 por 100 habitantes são Hollandezes, 14 por 100 Frisões, 13 por 100 Flamengos e 2 por 100 Allemães. Os catholicos hollandezes estavam privados dos seus direitos civis desde 30 de Dezembro de 1581. A republica batava restituiu-lh'os em 1795.»

«A Igreja conta uma só provincia metropolitana, Utrecht, e quatro dioceses suffraganeas: a de Haarlem, Bois le Duc, Breda e Roermonde, dividida em 71 deados e 972 parochias. Tem 9 seminarios».

Os dissidentes — O superior do seminario Syriaco do Charfet, no Libano, o Revd.º P.º Paulo Habra, escreve o seguinte:

«Temos muito bem a fazer em nossa casa, na hora presente, em que se faz sentir o movimento de regresso á unidade. Como já sabeis, temos no seminario Mons. Abdlla, recentemente convertido do jacobitismo, com dois diaconos. Seis religiosos convertidos estão tambem em Mardin. Ultimamente tive conhecimento do regresso de toda uma aldeia syriaca jacobita nos arredores de Mardin, com os seus tres curas. Ha necessidade de pastores instruidos e zelosos para tirar partido d'estas excellentes disposições, e, para formar bons padres, são precisos seminarios. Espero que a Associação da Propagação da Fé nos ajudará a dar á Igreja syriaca apóstolos cheios do espirito de Deus».

Inglaterra — Os altos dignitarios do puro protestantismo inglez preoccupam-se agora muito com o notavel incremento que vae tomando a seita dos ritualistas, cuja doutrina é professada por mais de 12:000 sacerdotes, enquanto que os restantes não passam de 20:000, repartidos pelas 262 seitas diversas. Receiam elles, e com razão, que este facto produzirá o completo aniquilamento da igreja anglicana.

Efectivamente a liturgia d'esta seita aproxima-se muito da liturgia romana. Quem entra nos seus templos, sem grande difficuldade se persuadiria de que está n'uma igreja catholica; o presbyterio é ladeado de cadeiras; o altar, coberto com um frontal branco, sustenta elegantes castiças, no meio dos quaes está o crucifixo, coisa muito rara nas igrejas protestantes. Tem missa, communhão, uma especie de con'issão, officios divinos, etc.

O mesmo habito talar dos pastores protestantes aproxima-se bastante da batina dos nossos padres.

Não nos maravilha pois a attitude hostil que se nota em certa imprensa ingleza, contra esta «atmosfera de incenso ritualista, que tudo invade», e contra «os templos a meia luz, altares resplandecentes e pompas cerimoniaes», que tanto desdizem da doutrina anti-romana da igreja anglicana.

Em um periodico inglez, dos mais avançados, lia-se ha pouco o seguinte periodo:

«Em nenhum paiz do mundo floresce o catholicismo com mais liberdade que no Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda. Todos os dias ouvimos fallar de conversões de pessoas da alta sociedade, e nas classes inferiores é um facto tão frequente que nem sequer se menciona. Por toda a parte tornam a brotar igrejas e conventos, com o mesmo vigor com que em nosso solo anglicano, germinam as hervas ruins. Inglaterra é para o Catholicismo, não o paraíso, mas o Eldorado.»

Tem razão o orgão protestante. Só lhe esqueceu dizer que estes beneficos resultados são devidos á politica de conciliação adoptado por Leão XIII.

Equador — Os ultimos successo que se passaram n'esta infeliz republica deram occasião a que o illustre bispo de Ibarra dirigisse ao batalhão de Pichincha uma carta de protesto. Esta carta é sublime em toda a sua simplicidade. Não podemos furtar-nos ao desejo de transcrever para aqui alguns paragraphos.

Elles ahí vão:

«Soldados: Um equatoriano, um vosso compatriota, um Bispo, filho do mesmo solo em que vós nascestes, vem dirigir-vos uma palavra, e, antes de vos saudar, pede-vos que o ouçaes com serenidade; não quero mais de vós, senão que me attendaes com tranquillidade.»

A paz seja comvosco! *Pax vobis*. E' esta a minha saudação... Sim, homens da guerra, a paz seja comvosco. Tal é minha saudação, a saudação do Bispo ao soldado.

Soldados! Que é o que fizestes? O bom soldado é pundonoroso; o bom soldado é homem de character; o bom soldado é magnanimos. Não tendes fé? Perdeste-a já? E tão depressa a perdestes?!

Não crêdes na Eucharistia? Soldados equatorianos, profanadores do Sacramento, perdestes a fé?

Generico, chefe dos vandalos, pôz sitio a Roma, e tomou-a combatendo, e entrou-a, e a pôz a saque depois da victoria: o barbaro perdoou sómente aos que se refugiaram aos templos catholicos. Em Riobamba fez-se o que se não atreveu a fazer o chefe dos vandalos!...

Não eram soldados, não; era uma alcaiteia de ursos dos bosques da Panonia o que Atila (nunca ouviste esta historia?... (conduzia a aquecer-se ao tibio sol da culta Italia; e a horda acampou nas margens do Pó, e fez-se de volta para o Norte sem vadiar as aguas do rio. Foi um Pontifice que a amansou. Soldados! soldados do batalhão de Pichincha, se sois o açoute de Deus, bem vindos sejaes! — Quem sois? perguntou a Atila um velho Bispo ás portas de Troyes. — Sou o açoute de Deus, respondeu o caudilho dos hunos...

— Pois se sois o açoute de Deus, bem vindo sejaes! — Sou o açoute de Deus? Bem vindos sejaes! Para a frente.

As theorias politicas modernas (não quero escrever

o nome de Liberalismo, porque vos haveis de enfurecer); as theorias politicas modernas poderão ser delectosas como o vinho; mas por fim, como o vinho, embriagam, endoidecem a razão, e tornam-nos aptos a commetter as mais feias acções. As theorias politicas modernas, dizem, profanam os templos, e vós profanastes a igreja de S. Felippe; as theorias politicas modernas fazem pedaços as imagens sagradas, e vós, a tiros de bala, despedaçastes as imagens dos Santos, e fusilastes até a imagem da Virgem Maria; as theorias politicas modernas violam os vasos sagrados, e vós bebestes aguardente pelos calices e pixides; as theorias politicas modernas fazem perder a fé, e vós, com desfaçatez sacrilega, comestes as Sagradas Fórmãs; as theorias politicas modernas corrompem a alma, e vós arrojastes ao solo a Sagrada Eucharistia, e pisástel-a aos pés. Que valor o vosso! Sois uns heroes!...

Heroes? Ah! Sim; mas com o heroismo dos philleus, que arrancaram os olhos a Sansão quando o famoso juiz de Israel havia perldo sua extraordinaria fortaleza. Jesus Christo está como cego, sem olhos no Sacramento: Jesus Christo depóz sua omnipotencia: olhos e fortaleza tudo lhe roubou seu amor aos homens. Ludibriae pois a Jesus Christo, que elle não vê, está cego!... Que heroismo o dos sacrilegos!... Dizei-me: a que partido politico pertencê o Senhor?...

Valentes? Oh! sim; mas como Herodes que empregava seus esbirros em perseguir ao Menino Deus. E Jesus na Eucharistia está ma's inerme, mais desvalido que quando esteve menino de poucos mezes nascido, nos braços da Virgem Mãe. Braços da Virgem, santos braços de Maria, onde estaveis que não acudistes em defesa do vosso Menino? Virgem bendita, correi em defesa do vosso Menino!... Os soldados quebram a machado as portas dos templos: as fechaduras dos sacrarior estalam ao impeto das balas: e lá dentro está Jesus Christo, inerme e indefenso: mais inerme que um menino, mais desvalido que o infante de poucos dias!...

Soldados! Piedade pela Hostia Santa!!!...

Um menino pôde chorar, um pequenino pôde dar gritos de dôr; mas Jesus Christo nem sequer pôde queixar-se!...

Não sois christãos? Não tendes algum filho, algum membro de familia, a quem deixeis um nome impolluto, um appellido sem mancha?... Ahi vae o filho do sacrilego, dirão; aquelle é o neto do sacrilego; não o ouvís? e não vos horrorisais?... Triste herança a que deixaes a vossos filhos!... Poncio Pilatos não teve descendentes: os soldados do Pretorio não sabemos se os tinham... Flagelladores do Homem-Deus, sois dignos de serdes progenitores de sacrilegos!...

Soldados! Perdestes a fé!... Então correi ao Pretorio, com Jesus Christo! Teci a corôa de espinhos, empunhae a canna, cuspi-lhe o rosto de salivas, dae-lhe bofetadas nas faces!... A Victima guardará silencio, a Victima estará muda: feri, que o inferno vos applaude!... Ao chão com as Sagradas Fórmãs! Satanaz e suas legiões se regosijarão com isso!...

Para concluir, novamente vos saúdo. *Pax vobis:* a paz seja comvosco. Desejo-vos a paz, a paz verdadei-

ra, a paz que é fructo da justiça. A paz que não nasce da virtude, da justiça e da ordem, não é paz.

Eu vos desejo a paz da virtude, e a paz da justiça.

Vosso compatriota † *Frederico*, Bispo de Ibarra.

O Congresso de Colombia considerando que o Revd.^o P.^o Miguel Unia, fallecido em Turim a 9 de Dezembro de 1895, prestou, com summa abnegação e zelo heroico, importantissimos serviços á Patria,

Decreta:

Art.^o 1.^o — Que seja honrada a memoria do Revd.^o P.^o Miguel Unia, sacerdote salesiano.

Art.^o 2.^o — Como demonstração de gratidão, serão executados: um retrato a oleo que se destina á Sociedade de S. Lazaro d'esta cidade, e uma estatua de marmore que se erigirá na praça *Aguas de Dios*. Ambos terão a seguinte inscripção:

*Ao Revd.^o P.^o Miguel Unia
Apostolo dos leprozos na Colombia
A Gratidão nacional*

Art.^o 3.^o — A somma necessaria para dar cumprimento á presente lei, considerar-se-ha incluída no orçamento do proximo exercicio.

Art.^o 4.^o — Será enviada uma copia authentica ao Superior Geral da Congregação Salesiana, em Turim, e ao Superior da mesma n'esta cidade.

Dada em Bogotá a 10 de Dezembro de 1896.

Seguem as assignaturas do presidente do senado e representantes, etc.,

Falta lá a *Vanguardia* para bradar ás armas...

Digno de applauso — Diz o *Boletim Salesiano*:

«O Conselho Nacional de instrucção publica de Buenos Aires, devendo nomear uma professora official, escolheu de tres que se apresentaram a que obtivera a segunda qualificação, reprovando a que obtivera a primeira porque não portencia ao gremio da Igreja Catholica.

O Conselho apoia seu procedimento no artigo da Constituição que diz que só a *Religião Catholica é a Religião do Estado*».

Por cá tambem está em vigor um artigo identico, mas pelo commum os nossos homens publicos não se preocupam com taes ninharias.

Modos de vêr.

Na China — O P.^o Masot, dominicano, e Vigario Apostolico de Fo-kien, escreve que em 1896 receberam o baptismo mais de 800 adultos e que os catechumenos excedem o numero extraordinario de *trinta mil*.

que muita gente se admira ainda hoje de que a maçonaria, em vez de ser uma sociedade de pedreiros ou uma instituição de beneficencia (?!), não seja antes uma modesta confraria de pobres evangelicos.

E' precisamente ácerca d'estes preceitos de Jesus Christo que se lê na citada conferencia: «a doutrina do Christo não podia ser seguida sem trazer consigo a destruição da sociedade».

Ora comprehende o meu amigo?

Mas... não é novo na historia o caso de que o diabo se vista de monge...

—A mesma *Luz*, toda zelosa pelo cumprimento dos preceitos evangelicos, mostra-se muito escandalizada pelas avultadas sommas que entram nos cofres do *pão dos pobres*. Naturalmente o escandalo procede de que os ditos cobres não vão parar antes á sacola da viuva, suavizando assim a aridez do interminavel periodo das vaccas magras.

Pois arregále-lhe o olho, e contente-se; que este não vae parar ás unhas dos socios do Panamá...

A mim tambem me parece que os magros *dézreisinhos* dos papalvos mal chegarão para as despesas da *ordem*. E porisso — quem sabe lá? — talvez ainda um dia vejamos os irmãos... do esquadro e do avental, envergonhados e arrependidos das ladroerias panamistas e quejandas, envergarem andrajos de mendigos e irem-se de porta em porta esmolar o sustento da vida, dando assim um sublime exemplo de desprendimento do mundo, humildade e pobreza evangelica.

Mas, para lhe dizer toda a verdade, ás vezes sente-se a gente com vontade de perguntar a certas pessoas porque mettem o bedelho onde ninguem as chama...

— Não sei se leu no passado numero da *Voz* que os irmãos italianos do Gr... Or... *Orthodoxo*, presidido pelo judeu Nathan, andam de candeias ás avessas com os do Gr... Or... *Scismatico* de Palermo, Leorne e Milão.

Quando o meu amigo tiver occasião, veja se manda o seu cartão de condolencias a um certo jornal lisboeta, que nós muito bem conhecemos... , o qual não se cança de affirmar que tudo aquillo por lá vae em maré de rosas.

E a proposito: sabe que a tal *Luzinha* dos nossos peccados, naturalmente á falta de materia, enche em cada numero duas e mais columnas de extractos da *Voz*, cortando-os apenas, de longe em longe, com breves mas muito judiciosos commentarios?

Pois é verdade.

E nós agradecemos as transcripções, que nos fornecem ensino para que, entre os nossos leitores, possamos contar mais um typographo...

Mas, de passagem, sempre advertirei á *Luz* que Santo Antonio, como qualquer outrem pode conceder graças, favores ou beneficios *sem fazer milagres*.

Seria bom que certos *theologos* feitos á pressa, quando quizerem fallar de certas materias, consultem antes o catechismo do que as safadas pandectas maçonicas.

— Não me surpreendeu a noticia que V. me dava, de que a maçonaria, desorientada e despeitada com os milagres de Lourdes, resolveu mandar lá agentes seus para *fazerem milagres* á competencia com a Santa Virgem.

Tudo isto está no programma da seita.

E aqui para nós: digo-lhe que teem gente muito habilitada para taes empresas. E senão, recorde-se do celebre fajardo que amealhou grossos cobres á custa da credulidade de muitos catholicos. Já adivinhou que me refiro a Leo Taxil, o illustre prestidigitador que «aos dez annos enganava os paes, aos quinze enganava os mestres, e aos cincoenta, já intrujão emerito, engana toda a gente», como, se bem me recorde, dizia o Rev. Conego Senna Freitas em um bello artigo publicado na *Cruzada*, de Villa Real.

Creio que, se fôr elle o encarregado da difficil missão, procurará desempenhal-a á altura dos seus creditos de farçante, de modo que a seita... saia com honra e gloria e elle aureolado de novos louros.

Mas o peor é que agora já se não trata de engolar a credulidade d'alguns bons catholicos... E com Deus não se brinca...

Comtudo, eu estou persuadido de que este expediente supremo e tão arriscado, não será empregado senão depois de se haver lançado mão de todos os outros, e no caso, aliás nada improvavel, de que elles sejam inefficazes e não surtam resultado.

Os primeiros trabalhos — e isto é que V. ignora — começaram já, e com actividade. A *Lanterne*, jornal da seita, deu o grito de alarme, pedindo ao governo, em nome da hygiene, que supprima as peregrinações a Lourdes, allegando, entre outras razões, que os doentes, quando cantam juntos, abrem muito a bocca (!), deixando escapar exhalações e fétidas que, em poucas horas, impregnam o ambiente de principios morbificos e perigosos.

Não é uma razão verdadeiramente de cabo de esquadra?

— Talvez o meu amigo não lêsse uns conselhos muito avisados e prudentes que, aos escriptores *novicos* que sentem vocação para anticlericaes, dá um que, pelo visto, é um grande mestre no officio. Pois ahí vão elles. Leia e pasme; e depois diga-me se, afóra umas pequenas variantes, não será este o programma seguido por certa *Luz*... que todos nós conhecemos.

Eis os taes conselhos:

«... Renunciem á justiça, á verdade, á boa fé. Ataquem sem distincção todos os que vestem sotainas. Digam que Vicente de Paulo, Francisco de Sales e outros nuncam existiram. Acrescentem que os irmãos das escolas christãs querem restabelecer o dizimo, que as irmãs da caridade envenenam os doentes, pois achareis sempre imbecis que vos creiam. Mostrem os palacios associados aos presbyterios na lucha contra a sociedade moderna. (Veja-se a Bretanha, proximidades de Brest.)

«Não hesitem em jurar que o throno e o altar são inseparaveis e que uma facção de Parochos protege o joven Henrique d'Orleans para o assentar no throno de Henrique IV. Todas as religiões são solidarias; acrescentem desassombadamente que os popes da Russia formaram um syndicato para pôrem no Elyseu o coronel Bonaparte».

«Injuriem todos os dias os Parochos das aldeias, accusando-os de fazerem orgias vergonhosas. Ataquem pouco os bispos; ha alguns que são dignos como os leigos. Respeitem o Papa, não a figura eterna do papado que José de Maistre gravou com mão genial. Não: respeitem a pessoa politica do eminente Pecci: elle é

um bom republicano. Além d'isso, deve-se respeitá-lo em vida, e depois de morto deve-se fazer como os catholicos (*quaes catholicos?!*) e atacar a sua memoria, louvar o seu successor».

E' mestre no officio, ou não é, o tal conselheiro?

— A maçonaria franceza está muito assustada porque vê, diz a *Croix*, que se pôde entrar no parlamento francez sem estar enfeudado aos mandões da seita. Porisso, o Gr. Or. de Paris, enviou uma circular aos V. das L. sujeitas á sua jurisdicção, prevenindo a malta contra os manejos clericæes e lembrando «que a maç. faltaria ás suas tradições se não procurasse annullar esses manejos».

Lastima-se «de que haja, desde muito tempo, uma certa escola que se encarregou da missão especial de desacreditar a lucta anticlerical d'outros tempos».

Queixa-se «de que vá caindo em desuso a celebre formula do Ir. Gambetta: *O clericalismo, eis o inimigo*».

E anima por fim a todos «a que ponham mãos á obra, e que tolham o passo a todos esses jesuitas de casaca ou de batina, que assignam todas as constituições, acceitam todas as leis, e se aliam com as instituições democraticas, mas que, passada a trovoada, se tornam mais fortes e tenazes do que antes».

Coitaditos! E' o gallo que se vê obrigado a descer do poleiro! Que será quando lhe começarem a apapar a crista?!...

— Isto de judeus e maçons é tudo a mesma gente: não ha escolha. Creio portanto que o meu amigo tambem gostará que eu lhe diga qualquer coisa ácerca dos descendentes do povo deicida.

Eu lhe conto: na sessão da camara electiva, de 27 de agosto, o deputado Sr. Luciano Monteiro, referindo-se á raça israelita, mostrou-se um tanto azedo, e deixou até escapar as palavras *raça maldita*.

Ora a colonia israelita de Lisboa, deu o vacatorio, e mandou dizer ao illustre deputado: que não era assim, que S. Ex.^a estava equivocado; que a raça judaica estava tão longe de ser maldita, que antes pelo contrario, era *raça bendita*; e isto comprovado com diversos lugares da Escripura e auctorisado com o testemu-

nho de homens muito notaveis, até do seculo actual.

Ora eu acho toda a razão aos illustres rabinos; e tenho em meu poder uma estatistica bem eloquente, colhida d'uma revista estrangeira, que se houvera sido examinada pelo Sr. Luciano Monteiro, talvez o illustre deputado, vendo a sem-razão com que accusou os innocentes judeus, retirasse as expressões injuriosas que lhes dirigiu na camara...

Ahi a mando ao meu amigo, para que a leia e saboreie:

«Os judeus que, segundo o testemunho de Mr. Caro, tambem judeu, são na Austria 4 1/2 por cento da população, entram com o contingente de 9 1/2 por cento para a lista dos sentenciados por desaparição de fundos, de 15 1/2 por cento para a dos condemnados por fraude, e de 34 por cento para a dos condemnados por contravenção á lei das fallencias».

«Na Allemanha, desde 1882 a 1892, por cada 100.000 judeus houve 23 1/2 por cento que foram condemnados por contravenção á lei sobre concessões, emquanto que entre os christãos não foram condemnados, por causa do mesmo delicto, mais que 10 1/2 por cento sobre cada 100.000».

«Quanto a roubos, a porporção é de 3 1/2 por cento para os judeus e 1 1/2 por cento para os christãos; nas fraudes 82 1/2 por cento entre os judeus e 36 entre os christãos; em falsificações de escripturas publicas a proporção é de 17 e 9 por cento, respectivamente, e quanto a bancarrotas 23 1/2 para os primeiros e 1 para os segundos».

Em vista d'isto, bem pôdem os judeus lisboetas, com um seu illustre antepassado, entrar no templo de frente erguida, e, lá bem junto do altar, todos empertigados e desempenados, basofiar e alardear façanhas como ninguem mais pratica.

E pôdem tambem deitar foguetes e tocar zabumba...

Porque não?

E o meu amigo, emquanto elles zabumbam e esfogueteiam a sua honra e probidade, vá lá respirando as suaves brisas que bafejam a poetica Italia, e creia sempre na sincera estima com que sou

sempre amigo dedicado

O chronista da «Voz».

AOS NOSSOS ASSIGNANTES DO BRAZIL

Na cidade da Bahia é correspondente da *Voz de Santo Antonio* o Rev. Padre Manoel da Silva Gomes, no Seminario. A elle se poderão dirigir os nossos assignantes para satisfazerem o importe das suas assignaturas, ou para quaesquer outros efeitos.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

Direcção — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Rev.^o Padre director da «Voz de S. Antonio», Collegio de S. Boaventura — Braga.

Assignatura — 1\$200 reis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.